

DESACATO AOS PAPAS: UMA HISTORIOGRAFIA DA GEOGRAFIA TEORÉTICA FRANCESA (PARTE DOIS)

Dante F. da C. REIS JÚNIOR¹

Resumo

Há episódios locais que ilustram, para o contexto europeu, eclosão e espargimento de novos ideários científicos. Interessa-nos aqui um sucesso que, especificamente a ver com o *linguistic turn* ocorrido na Geografia dos anos sessenta, mostrou vigor e longevidade no território francês. Trata-se do surgimento e evolução de um grupo de geógrafos (*Groupe Dupont*) que, sobretudo a partir da década dos setenta, desempenhará a função capital de assimilar e retransmitir – desde uma França mediterrânea – os sinais de transfiguração metodológica manifestos em seu campo disciplinar. No mês de Janeiro de 2010, por trinta dias, examinamos documentos textuais e colhemos testemunhos orais na Universidade de Avignon, sede oficial da agremiação teorética. A pesquisa engendrou, portanto, duas frentes de informação: a bibliográfica (em que nos amparamos nos veículos de divulgação textual chancelados pelo Grupo) e a auditiva (que o depoimento reminescente dos personagens nos valeu). A narrativa que continuaremos aqui se baseia em ambas as frentes, sendo que rechemos certos dados numa segunda estada *in loco* (mais breve, mas recente), ocorrida no final do mês de Janeiro de 2012. Descrevendo o desenvolvimento do Grupo e seus frutos (colóquio e revista), ansiamos, além de meramente noticiar a intrigante subversão do classicismo francês por próprios agentes domésticos, chamar a atenção para a persistência dessas intenções sofisticadoras – algo que, por sua vez, não há de ser um episódio estritamente francês ou regionalista.

Palavras-chave: Geografia Francesa. Geografia Teorética. Grupo Dupont. Géopoint.

Résumé

L'affront aux papes: une historiographie sur la géographie théorique française (part deux)

Il y a des épisodes locaux qui exemplifient, pour le contexte européen, l'avènement et la dissémination des idées scientifiques nouvelles. Cet article se rapporte à un événement très obstiné qui est arrivé en France, concernant la Nouvelle Géographie, et qui est encore aujourd'hui assez vivace. Il s'agit de la naissance et de l'évolution d'un groupe de géographes (*Groupe Dupont*) qui, surtout à partir des années soixante-dix, a joué le rôle-clé d'appréhender et retransmettre – depuis une France méditerranéenne – les signes de changement méthodologique chez la Géographie. Au cours du mois de Janvier de 2010, nous avons examiné des documents textuels et nous avons recueilli des témoignages oraux à l'Université d'Avignon, siège officiel de la pléiade théorique. Donc, la recherche a suscité deux fronts d'information: le bibliographique (quand nous nous sommes basés sur les ouvrages du Groupe) et l'auditif (qui nous a été donné par la déclaration réminescente des personnages). La narration que nous continuerons ici dérive de ces deux fronts-là, et nous nous sommes assuré de certains données dans une deuxième visite (plus courte mais récente) qui a eu lieu à la fin de Janvier 2012. En décrivant le développement ultérieur du Groupe et ses fruits (colloque et revue), outre que simplement notifier le curieux renversement de la tradition classique par des propres agents français, nous avons l'intention de faire savoir la persistance des projets de perfectionnement méthodologique – un fait qui, certes, n'est pas un épisode strictement français ou provincial.

Mots-clé: Géographie Française. Géographie Théorique. Groupe Dupont. Géopoint.

¹ Prof. Adjunto, Depto. de Geografia, IH/UnB, LAGIM, Laboratório de Geo-Iconografia e Multimídias – E-mail: dantereis@unb.br)

INTRODUÇÃO

A primeira parte do artigo reuniu informações principalmente relacionadas com a tomada de conhecimento da revolução teórico-quantitativa na França, sendo que procuramos fazer isso a partir da historiografia de um muito particular caso regional. Pareceu-nos adequada a opção por tratar do desenvolvimento da Geografia Teorética neste país por meio da narrativa das origens do *Groupe Dupont* (GD), visto que seus integrantes, curiosamente, souberam conservar até o presente o mesmo convicto compromisso (com uma rigorosa formalização lingüística) demonstrado quarenta anos atrás. Na publicação anterior nos concentramos em analisar o conteúdo dos primeiros anais de colóquio *Géopoint*. Já nesta parte final apresentaremos os sinais de amadurecimento do GD em três momentos: primeiramente, comentando sobre um segundo produto textual dos *Duponts*, a revista de ensaios e reflexões *Brouillons* (que também reúne, nas entrelinhas, as principais preocupações neopositivistas do Grupo); em seguida, uma síntese dos assuntos tratados nos colóquios *Géopoint* no novo século; e, finalmente, uma narrativa de reuniões ocorridas (e por nós testemunhadas) nos meses de Janeiro de 2010 e Janeiro de 2012.

A fim simplesmente de manter a idéia de continuidade do artigo, prosseguiremos a numeração já iniciada, para itens e subitens.

[...]

DO VIÇO INICIAL À CONSOLIDAÇÃO FINAL [CONTINUAÇÃO]

[...]

Um veículo ferino: os "esboços rudes" (Brouillons Dupont)

Os fascículos *Brouillons* foram concebidos numa forma artesanal. O primeiro número (1977) é datilografado e visivelmente contém reparos grosseiros de erros de digitação. Mas tudo isso tinha um quê proposital; transmissor da blague típica dos membros.

E foi para garantir a sinergia entre eles, bem como dar voz também a autores não-integrantes, que esta outra publicação surgia. Ela seria anual; portanto, mais freqüente que os anais dos colóquios. Algo curioso foi o "esclarecimento" feito nas primeiras páginas do fascículo inaugural: o de que os ensaios todos, a ali constar doravante, "falariam por si" ... isto é, não seriam sempre (ou necessariamente) difusores do ideário do Grupo Dupont. O diferencial destes "atrevidos rascunhos" (numa tradução mais livre do vocábulo *brouillons*) sem dúvida é o estilo redacional. Bem menos formal, bem mais burlesco. O tom literário, satírico, é, podemos dizer, um talentoso contraponto à formalidade pretendida pelos próprios autores – muitos dos quais desejosos de que a Geografia girasse de fato para a matematização. É provável, então, que o estilo quisesse "debochar do deboche" ... ou, fazer galhofa com a repreensão toda ao quantitativismo.

Para iniciar esta segunda e última parte do artigo, comentaremos o teor de alguns números.

Brouillons n.1 (1977)

Michel Chesnais, pesquisador da Universidade de Caen, que se notabilizaria por seus trabalhos nas áreas da geografia da circulação e dos transportes, é quem faz a estréia das históricas primeiras páginas. O autor falaria da "transformação" ocorrida: o emprego de métodos estatísticos, as descrições numéricas ... enfim, a formalização matemática. Porém o termo "quantitativo" não daria conta de expressar o que fora o movimento, já que acaba-

ria favorecendo o falso debate *qualitatif x quantitatif*. Do mesmo modo, Chesnais denuncia a falsidade da oposição (sic) entre uma geografia “tecnocrática” e uma geografia “crítica”. Quem ainda sustentasse a significância deste embate estaria (equivocadamente, já se sabia) pondo técnica em conflito com método. De vez que sempre haverá uma escolha envolvida, o instrumento técnico não terá mesmo como ser “neutro”; por outro lado, a virtual implicação ideológica do projeto geográfico em questão deriva de cada usuário, e não tem como estar na essência do instrumento.

La transformation est solidement ancrée sur les possibilités offertes par la réflexion théorique et l’expérimentation, caractères qui nous semblent plus importants finalement que le recours au quantitatif et aux mathématiques. (CHESNAIS, 1977, p. 13).

Em seguida, o ensaio talvez mais emblemático deste magazine: “Espaço, quantas confusões são feitas em teu nome!”. Redigido a muitas mãos, o texto é um verdadeiro manifesto e seria por vezes citado anos à frente. Seus autores foram Henri Chamussy, Joël Charre, Marie-Geneviève Durand e Maryvonne Le Berre, que, mordazes, se perguntavam se “desvelar estratégias de dominação do espaço” também não teria serventia ao poder. As reflexões ali contidas beiram o escárnio ... no caso, dirigido àqueles que, aos olhos do quarteto irreverente, por demonstrarem-se contrários a evidentes facilidades técnicas, estavam é dando cobertura a um puro anacronismo.

[...] on nous a même reproché d’utiliser les ordinateurs [...] Reproche-t’on à une géomorphologue de prendre sa voiture ou le train plutôt qu’une diligence pour se rendre au terrain? À un scientifique de prendre sa machine à écrire plutôt qu’une plume d’oie pour mettre au propre son manuscrit? [...] tous les calculs faits par l’ordinateur pourraient être faits à la main. Qui veut s’en charger? (CHAMUSSY et al., 1977, p. 29).

Outro artigo interessante contido neste número inaugural é o de Patrice Uvietta, membro *Dupont*. É igualmente um texto crítico das atitudes negativas frente à modelagem ... para as quais os fenômenos da sociedade, de tão complexos, não poderiam ser modelados. Observação esta das mais prosaicas. Recusar os modelos, permanecendo então nos discursos não formalizados, era perder a chance de poder verificar a coerência dos conjuntos de hipóteses – sem dúvida, o principal trunfo inerente ao trabalho com prototipagens conceituais.

Brouillons n.3 (1978)

No fascículo anterior (n.2, 1978) começaram a aparecer as charges humorísticas – complemento iconográfico dos gracejos textuais. Iniciava também a recepção de cartas com análises críticas de artigos precedentes. O segundo número é também o fascículo em que Michel Vigouroux redige um primoroso ensaio em que relembra os lances capitais à criação do GD; ensaio que por sinal nos auxiliou bastante na composição da primeira parte (já publicada) deste artigo.

Mas neste terceiro número, por sua vez, é quando apareceriam as primeiras resenhas (*notes bibliographiques*). Quanto aos artigos, a contribuição mais marcante é a de autoria de Henri Chamussy. “Amor e impotência” é, na verdade, um texto bastante ilustrativo da verve literária do geógrafo. E esbanjando-a, o autor se/nos pergunta se toda ideologia dominante tem de ser necessariamente repulsiva. O que dizer da ideologia dominante em outro país, se ela é essencialmente diversa da deste país (onde nos pareça repulsiva)? Chamussy abalroa o senso-comum. Um trecho de seu ensaio ele nomeia como “A beleza do diabo” (*La beauté du diable*, p. 77), ironicamente, querendo, no fundo, admoestar a perdi-

ção sedutora da estética inerente à Geografia Clássica: o discurso literário, que tocava o leitor mais pela beleza estilística que pelo rigor; não que este estivesse de fato ausente, mas a narrativa floreada terminava ofuscando-o; enfim, a perdição de um discurso que definia geógrafos fascinados pelas excursões a campo ... logo, facilmente deixando-se levar em adejos poéticos. Mas a ironia residia, não menos, no fato de parecer (aos demasiadamente apegados à tradição) "diabólica" essa tentativa dos expedientes abstratos; cujo rigor seria de uma beleza silenciosa.

Brouillons ns.4 (1979), 7 (1981) e 9 (1982)¹

No quarto fascículo está o magnífico texto de Jean-Claude Wieber, *Alguns aspectos da prática francesa em geografia quantitativa*. Numa historiografia em tom de testemunho, bastante elucidativo, o autor fala dos principais reflexos derivados dessa prática (questões suscitadas, é óbvio, também no episódio pretérito anglo-saxônico): o advento dos posicionamentos conflitantes pró e contra (*pour* e *contre*) e as reprovações de toda sorte, tais como, por exemplo, a "falsa segurança" trazida pelas técnicas; o risco de não serem evitados estigmas setoriais ("os teóricos" versus "os práticos"); e a nem tão fiscalizada adequabilidade dos instrumentos aos problemas levantados. Wieber testemunhara, pois, discussões e debates que restariam sempre vivos.

No sétimo número, um texto escrito a quatro mãos (por Franck Auriac e François Durand-Dastès) reacenderia uma questão nunca realmente esmiuçada:

Dans le large contexte du débat théorique et idéologique en France, quelques chercheurs osent affirmer que analyse de système et logique dialectique ne peuvent pas être incompatibles. Ceux, parmi les dialecticiens qui pensent que logique formelle et logique dialectique sont irréductiblement séparées crient à l'hérésie. Doit-on s'enfermer dans des exclusives conceptuelles? (AURIAC; DURAND-DASTÈS, 1981, p. 79).

E no nono, Antoine Bailly voltaria a se provar o "censor" no Grupo. Segundo ele, tanto a ideologia difundida pelo antigo geógrafo regionalista, quanto a pelo neopositivista teriam, como fim último, a obtenção de status e, portanto, de poder (no caso, viabilizada pelas supostas excelências circunstanciais de um saber, respectivamente, empírico e abstrato). Sua nobreza, então, seria questionável. (Como frisamos na publicação anterior, Bailly, sem dúvida, foi o elemento que, enquanto esteve ativo no GD, jogou o papel de desconcertar convicções.).

Brouillons n.12 (1984)²

Neste número há um interessantíssimo trabalho do mesmo Bailly, resultado de uma pesquisa que se preocupou em fazer ... e cujas conclusões são imensamente elucidativas para o olhar historiográfico-retrospectivo. Bailly aplicara um questionário a sessenta geógrafos francófonos (belgas, suíços, franceses e canadenses) e as respostas obtidas permitiram-lhe fazer as seguintes observações tipológicas: "baixa mobilidade" (muitos profissionais trabalhando na mesma cidade onde haviam se graduado); "especializações geográficas" (a persistência dos velhos alinhamentos tópicos - o urbano, o rural, o regional, etc.); nomes-chave que teriam contribuído para a renovação da disciplina (com o registro de menções a

¹ Não tivemos acesso aos números cinco, seis e oito.

² Não tivemos acesso aos números dez e onze, ambos de 1983.

Brunet³, Claval, Lacoste, Racine, Frémont, Tricart); veículos materiais mais consultados (*L'Espace Géographique*, *Hérodote*, *Annales de Géographie* e *Annals of the Association of American Geographers* sendo os mais vezes citados).

Na verdade, o diagnóstico que Bailly acaba fazendo sobre a época (recorrendo, aliás, ao adágio do "conhece a ti mesmo") incitou-o a apontar um contexto no qual parecia já impossível perceber a vigência de um único paradigma. Ao contrário, a multiplicidade de campos – com seus particulares cabeças e praticantes – denunciava até uma geografia permanecida "provincial" ... paralelamente ao fato de que as incontidas especializações haviam gerado o caleidoscópio.

Brouillons ns.13 (1985) e 14 (1986)

O fascículo de 1985 conta com um artigo de Durand-Dastès. Nele o integrante do GD insurge-se contra a alusão (antiga, mas ainda corrente no pensamento geográfico) de que no caso de uma "geografia social" (sic) haveria como que uma "projeção" da sociedade sobre um espaço inerte. Esta noção, baseada em raciocínio linear e mecânico, estaria preservando um modelo interpretativo estéril e essencialmente equivocado. Porque, a rigor, não era o caso a escolha entre uma geografia que seria social e outra que não o seria; mas sim uma questão de optar entre um raciocínio assumidamente linear e outro (dialético) apto a lidar com a idéia de interação. (E lembremos aqui que Durand-Dastès não via como incomensuráveis a dialética e a sistêmica; fato que nos autoriza a deduzir que este *Dupont* teria admitido uma resolução teórica do amálgama "social-natural" pela via do raciocínio sistemista.).

Já o número quatorze serviu, integralmente, como uma espécie de anais reunindo as contribuições de autores franceses que haviam participado do encontro de Veldhoven, Holanda, no ano anterior ("IV Colóquio Europeu de Geografia Quantitativa e Teorética", 1985). Ali estão transcritos os trabalhos de Henri Chamussy, Denise Pumain, Maryvonne Le Berre. Pumain elogiando o exercício das transferências conceituais interdisciplinares (advertindo, entretanto, sobre as armadilhas da analogia vaga, que redundava em discurso vazio, e da distorção extrema, que delata adaptações mal executadas). E Le Berre ratificando a caráter irrecorrível da teoria sistêmica a fim de que se possa modelar a complexidade naturalmente envolvida no planejamento territorial. (Conforme este extrato textual):

Dans son objectif général de compréhension du monde qu'elle partage avec les autres sciences, la géographie vise à élaborer une représentation intelligible de la complexité spatiale; celle-ci est conçue comme un phénomène dynamique engendré par l'action d'aménagement qu'exercent les sociétés humaines sur leur territoire pour satisfaire leurs besoins vitaux et assurer leur reproduction. Pour parvenir à cette fin, les géographes doivent modéliser les formes d'organisation de cette complexité spatiale. Dans ces conditions, la systémique constitue actuellement un passage incontournable dans la démarche géographique. (LE BERRE, 1986b, p. 121).

Enquanto Chamussy se valera da ocasião para dar seu voto a favor da teoria dos sistemas gerais, como que incumbida de resgatar a ciência social de sua síncope teórica. (Afinal, a preocupação com a pertinência e a validade das proposições, devidamente norteadas por regramento unificador da prática científica, não seria de fato uma qualidade possuída pelas ciências sociais. A bem da verdade, o que estas poderiam entender por teoria, talvez

³ Roger Brunet foi um dos primeiros franceses a fazer menção a noções de cibernética em Geografia: *phénomènes d'autorégulation, entropie, dégradation inexorable du système*, etc. (BRUNET, 1972).

restasse melhor definido como ideologia.). E, esquentando o debate, Chamussy ainda se incluiria entre as vozes que não viam real oposição entre a sistemogênese e os processos dialéticos:

Je sais que certains marxistes sont fort réticents devant certains concepts systémiques, jugeant par exemple que l'idée de rétroaction élimine le concept de contradiction; j'ai plutôt l'impression que, sauf pour ceux qui campent sur des positions définitives (les dogmatiques ...), le systémisme enrichit la dialectique, dynamise le concept de contradiction, et que, précisément, les contradictions engendrent des boucles de rétroaction négatives ou positives. (CHAMUSSY, 1986b, p. 152, grifo nosso).

Brouillons ns.15 (1987), 16 (1988) e 17 (1989)

Estes três fascículos, a exemplo do que já acontecera com o número catorze, assumem um título em especial; quer dizer, dizem respeito a um tema central ou autoria. O de 1987 concentra integralmente trabalhos de Claude Tricot, membro suíço do Grupo. Num deles o autor – e, vejamos bem, mesmo num contexto distado o bastante do período revolucionário – chama ainda a atenção para a emboscada que é tomar emprestado os instrumentos da estatística sem que sobre eles se reflita. (E, digamos, sem que se reflita o quão de fato eles se mostram adequados à natureza do problema colocado.). Na “concretização heterogeneizante” (*concrétisation hétérogénisante*), que a muitos parece ser a essência do trabalho geográfico – e nos referimos aqui ao tradicionalismo das diferenciações areais, obviamente –, tem de ser feito um esforço para que, a despeito deste traço distintivo, uma certa “informação fundamental” venha à tona ... sem o quê, a cientificidade requerida esfuma-se. Mas acontece que sempre pode ocorrer que este ganho de informação estruturante, obtido via matemáticas (e agora estaríamos falando da “abstração homogeneizante”, que é marca registrada delas), traga junto a aniquilação das finalidades geográficas ... tais como o sentido de escala.

O fascículo de 1988 tem o título “Número e Medição em Geografia”. Um dos textos ali contidos é de autoria de Chamussy, que no seu habitual tom desmistificador afirma não haver, na verdade, qualquer motivo para ficarmos perturbados, apenas porque do uso da quantificação (emprego de número e mensuração, pois) resultam, em geral, representações inexatas. Se isso é aflitivo, o tormento não seria privilégio de geógrafos. Físicos, químicos, biólogos, (frivolamente) desejando, poderiam também se deixar inquietar com pouco. Almejar a exatidão é desacreditar recursos que desempenham, não obstante, o papel da aproximação.

En effet, nous savons bien que nos modèles des sciences de l'homme et de la société, construits la plupart du temps avec des nombres et des mesures, approchent le plus possible la "réalité", mais ne l'atteignent jamais bien entendu! Car s'ils atteignaient, ils ne seraient plus des modèles; ils serait la "réalité", ils seraient inutilisables! [...] Si la Nature n'était pas complexe, nous n'aurions pas besoin de modèles pour la représenter. (CHAMUSSY, 1988, p. 41, grifo nosso).

Finalmente, o número de 1989, intitulado “Itinerário Geográfico Vinte Anos Depois”, é uma espécie de autobiografia na qual a autora, Maryvonne Le Berre, narra o desenvolvimento de sua carreira acadêmica. Sem sombra de dúvida, acaba sendo um excepcional documento, de cujo conteúdo extrai-se, na verdade, dados que extrapolam a escala dos episódios meramente personalísticos.

Le Berre graduou-se em Grenoble, no famoso Instituto de Geografia Alpina, onde ninguém menos que Raoul Blanchard (1877-1965), célebre nome vidaliano, criou escola de geomorfologia (por sinal, de certo modo hostil à praticada em Paris, por Emmanuel de Martonne). A graduação iniciaria em 1967. Quatro anos depois ela descobriria as *approches mathématiques*, que ela percebeu estarem sendo praticadas nos mundos anglo-saxão, escandinavo e soviético. Em 1976, ela própria já desenvolveria seus estudos de modelagem sistêmica (para isso, o contato com pesquisadores não-geógrafos e a freqüentação do Instituto de Matemáticas Aplicadas será fundamental). Causaram-lhe entusiasmo as novas abordagens; e Le Berre sentiu que, por elas, conseguira enxergar a verdadeira luta (à época quase inglória) que se instalara na França: a de pelear contra a iminente “esclerose científica”. Assim é que, num período de cinco anos, pôde-se verificar uma clara inflexão no pensamento geográfico da autora. Do tipicamente clássico: com as explicações históricas, monocausais; as descrições de “permanências” em paisagens agrícolas; as comparações de monografias feitas em datas distintas; e as diferenciações meticulosas de micro-espacos. Ao moderno: com o interesse por uma leitura de fato teórica das mutações paisagísticas; a menção a “mecanismos regentes” de relações fenomênicas (agricultura-urbanização, por exemplo); e a visão global das situações-problema (LE BERRE, 1967; LE BERRE, 1972). O papel da vulgarização dos conhecimentos, contribuindo à renovação pedagógica da Geografia, a personagem também jogaria. E essa experiência se deu no particular fito de transmiti-los a alunos e professores do ensino secundário – especialmente no que dizia respeito à reflexão sistêmica, que Le Berre tentou instruir mediante o caso dos sistemas espaciais montanhosos.

O “gatilho” para sua tomada de consciência foi circunstancialmente similar ao de muitos; disparou durante as “Jornadas Geográficas de Aix-en-Provence”. Na fala de Bernard Marchand – que dizia aos ouvintes existir, nos países anglo-saxões, uma outra Geografia – perceberia que a busca pela generalização (longe de ser uma novidade) havia, enfim, alcançado foros de eficácia. Depois de habituada à literatura em filosofia da ciência, Le Berre comungaria das interpretações que haviam renovado o setor, sustentando essas (que passariam a ser suas) novas convicções ... por exemplo, quanto à dinâmica evolutiva das idéias científicas. Um extrato respectivo:

Il est désormais admis de considérer que la connaissance progresse aux marges des disciplines officielles. Cela ne doit pas surprendre. Le cœur de chacune d’elles est en effet constitué par les principes fondateurs, les méthodologies, les théories que la communauté des chercheurs reconnaît majoritairement comme siens – c’est le fameux consensus scientifique – et qu’elle tente de faire respecter au moyen de règles implicites ou explicites qu’on se doit de ne pas transgresser. Ce continent scientifique, peu à peu figé par son institutionnalisation, n’est guère propice au jaillissement d’idées nouvelles puisque la communauté qui se reconnaît en lui se donne pour mission de le préserver. Le choc des idées, qui impulse l’innovation, se fait donc sur les marges des sciences officielles, dans les îles qui précèdent le continent, au contact d’autres disciplines auxquelles sont attachés d’autres savoir-faire, d’autres questionnements. (LE BERRE, 1989, p. 95, grifo nosso).

Nesse texto, que é também um balanço *a posteriori*, Le Berre (a exemplo das impressões de seus camaradas Chamussy e Charre) está convicta de que as matemáticas, de vez que provadas adequáveis a todo ramo da Geografia, serviriam para a grande missão de restabelecer “elos rompidos”. Integrante do grupo CHADULE (que era, digamos assim, o “quinteto grenoblense”⁴ do grupo *Dupont*), Maryvonne Le Berre tomou parte na publicação

⁴ Os cinco: Henry Chamussy, Pierre Dumolard, Joël Charre, Marie-Geneviève Durand e Maryvonne Le Berre.

coletiva de um importante livro surgido no ano de 1972: *Initiation aux méthodes statistiques en géographie*, que viria a ter, inclusive, edições em espanhol e italiano, nos anos oitenta.

Encontros mais recentes: depois de duas décadas de Géopoint, a longevidade dos princípios

Nas vezes de “mostruário” do conteúdo sintomático transmitido na última década e meia, decidimos fazer constar aqui, nesta etapa epilodal, um panorama de assuntos e temas circunscritos pelos últimos anais de encontro *Géopoint*⁵.

Géopoint 1996 (“Espaço e Natureza na Geografia Hoje”)

Demonstrando uma já notável variabilidade (sucessão de encolhimento e expansão do número de participantes), esta edição do colóquio contou com menos de quarenta contribuições aos anais ... apesar de receber cerca de cem participantes (se bem que estritamente franceses). As contribuições estiveram distribuídas em quatro temas atinentes: “A Idéia de Natureza e suas Representações”, “Sistemas Espaciais e Natureza”, “Ordens de Grandeza e Limitações Naturais” e “O que é Determinismo Natural?”.

A aflição que move o teor dos trabalhos é deveras instigante: a natureza no discurso e trabalho geográficos. Nada mais provocativo ... e de “resolução” mais improvável. Em geral, os argumentos constantes dos anais vão no sentido de uma reivindicação; e esta demanda está assentada na idéia de que algo crucial acabou se perdendo pelo caminho. A evolução da Geografia não teria, pois, significado necessariamente uma sofisticação metodológica para o tratamento do objeto de inquérito; bem diferente disso, teria significado uma gradativa transfiguração da própria natureza deste objeto ... bem ilustrada, certamente, pelos balanços arbitrários entre o físico e o social (pendendo bem mais para este) e entre o humano e o “inumano”. Num aproximado lema ou reclamo: hão de se re-fundar, na Geografia, as idéias de natureza e de cultura!⁶

Chamussy, por exemplo, oferece um sucinto mas muito aclarador texto, no qual é otimista com respeito a uma iminente “reconciliação” entre físicos e humanos – os primeiros, consistente que grande parte de seu conhecimento ter-se-ia tornado (lamentemente ou não) “marginal” a um domínio disciplinar de fato re-delimitado; os segundos, admitindo reinvestir na reflexão sobre as “lógicas naturais”. Enquanto Charre, em sua comunicação, referenda uma impressão que já há algum tempo aparece em reflexões epistemológicas: o que chamamos “físico” deveríamos enxergar como que estando relacionado tanto com o natural (é claro) quanto com o humano! Pois o físico teria a ver, essencialmente, com a “materialidade

⁵ Na verdade, ficaram faltando os últimos anais, referentes ao encontro de 2010 (*Les Échelles pour les Géographes et les Autres: cultures, finalités et pratiques scalaires*). É que, tradicionalmente, os anais são distribuídos sempre no encontro seguinte (portanto o volume respectivo ao *Géopoint 2010* só deverá ser conhecido em Junho de 2012). O de 2008 pudemos conhecer porque, muito embora nossa primeira estada ali tenha se estendido apenas até Fevereiro de 2010, regressamos a Avignon no final do último mês de Janeiro (2012) e o recebemos gentilmente do Prof. Philippe Martin. Por outro lado, não tivemos acesso à edição de número doze do Colóquio (*Géopoint 1998 – Décision et Analyse Spatiale*); neste caso, em virtude do esgotamento de exemplares e ausência do volume no centro de documentação local.

⁶ O estudo do “meio físico” (*milieu*) não deveria ser nem priorizado, nem negligenciado (em relação às questões sócio-econômicas, p.ex.). Levá-lo em consideração é importante na medida em que sejam esclarecidas as barreiras (*contraintes*) que obstaculizam as práticas territoriais desenvolvidas pelos grupos sociais. O elemento físico é importante na medida em que a sociedade possa eventualmente utilizá-lo (*potencialité naturelle*) – e para isso ela terá de construir uma consciência de seu funcionamento/estrutura –, ou na medida em que a sociedade tenha de se precaver de sua magnitude e frequência – quando também se faz necessária a aquisição de conhecimentos sólidos.

do espaço” e suas regras de organização (as redes, os pólos, as descontinuidades). Assim, o que chamamos “natural” conferiria tão somente uma das características do espaço; e caberia, portanto, não descrever o meio natural, e sim revelar aquilo que nele estrutura o espaço: os obstáculos, as potencialidades, o que seja. Quanto ao “humano”, ele estaria relacionado com o modo como a sociedade lida com as regras inerentes ao físico e ao natural ... mediante uma apropriação oportunizada pela cultura e pelas táticas de ordem tecnológica. Logo, em última análise, ficam autorizados os ensaios de analogia funcional entre o físico e o humano, pois que se estará sempre falando de materialidades – no final, o *link* entre os fenômenos de uma e outra ordem:

Si l’objet de la science géographique n’est ni la nature ni l’homme, mais l’espace, on ne peut pas réduire le physique à des phénomènes naturels. Le physique fait référence à ce qui est matériel, à des grandeurs mesurables. Une ville a des caractères strictement physiques: c’est sur ces images satellitaires un substratum bien particulier. On peut envisager la croissance urbaine comme l’expansion de ce substratum, observer la morphologie de certains stades, la vitesse de l’expansion, comme on peut le faire pour un delta. L’analogie que fait le modèle gravitationnel entre des planètes et des villes est une façon de montrer qu’on peut envisager que des lois physiques sont utiles pour comprendre l’organisation de l’espace par la société. (CHARRE, 1998, p. 92-93, grifo nosso).

Chamussy (apud DUBUS, 1998, p. 216), num dos ateliês, sustentaria que, quando se trata de simulações, a “numerização” (que ele entende ser um tanto diferente de quantificação) é simplesmente inevitável, “parce que l’ordinateur ne bouffe que des chiffres” – quer dizer, a questão pode ser a de “estruturar”, e não necessariamente mensurar; o que, de fato, faz toda a diferença, de vez que este instrumento inapelável, o computador, só cumpre seu desígnio (de sistematizar, evidentemente) à base de códigos numéricos. Noutra (aparentemente excitante) ateliê, Durand-Dastès exercitaria o mesmo espírito sarcástico-provocativo; marca registrada do GD: é, afinal, possível evitar o determinismo no círculo da ciência? Enquanto fundamento do pensamento científico, o determinismo não será, então, aquilo que permite diferenciá-lo da magia e da religião? Enfim, a procura regrada pelas causas (ou, se for o caso, pelos complexos causais) não é justamente o que define a postura intelectual determinista? Durand-Dastès (apud CHÉRY, 1998, p. 233) sumariza: “Il est donc très étonnant de voir que, chez les géographes, le mot déterminisme soit devenu une malédiction.”. E epiloga: as alternativas ao determinismo do tipo físico, por exemplo, nem chegam a ser melhores – o do tipo econômico é esmagador (*écrasant*), enquanto o simples e absoluto indeterminismo provou já sua insuficiência (justamente as monografias idiográficas).

Géopoints 2000, 2002 e 2004

Os encontros, particularmente, de 2000, 2002 e 2004 representam uma clara intenção em orientar os partícipes por temas essenciais da epistemologia geográfica. Aliás, podemos afirmar com segurança que adotar esses três volumes como literatura de apoio a cursos de Epistemologia ou História do Pensamento seria de um préstimo inquestionável. Trata-se de uma verdadeira (e proveitosa) trilogia. Pois que ali encontramos, além de contribuições textuais que discutem, filosoficamente, o tema-norte do encontro, um vasto elenco de trabalhos de pesquisa representativos dos aspectos vários, possíveis de vincular ao assunto-cerne – a explicação, em 2000, a contraposição material-ideal, em 2002, e a forma, em 2004. Enfim, um prato cheio para discutir, digamos assim, as “curiosidades da identidade geográfica”. Prescindindo da composição de quadros, apresentamos a seguir as características gerais dos encontros na forma de um texto sinóptico.

O encontro de 2000 (*L'Explication en Géographie*) contou com mais de cem participantes e foi introduzido por três interessantes comunicações – motrizes dos debates que se dariam. “Problemas epistemológicos da explicação”, por Jean-Marc Besse (Paris), “A função da explicação na análise espacial”, por Lena Sanders (Paris)⁷, e “As vias de explicação em geografia”, por Jean-Paul Ferrier (Marselha).

Besse, amparando-se em autores do naipe de Popper e Wittgenstein, falaria da “linearidade” típica das explicações nomológicas, sustentando que o trabalho possível de esperar da ciência (e, portanto, dos cientistas) é, melhor dizendo, uma “aproximação” (*rapprochements significants*); mais do que a demonstração propriamente de uma lógica sucessória causas → efeitos. Sanders vai no mesmo sentido e considera que as várias formas de abordar o fenômeno espacial, possibilitadas pelos também vários procedimentos técnico-analíticos (a maioria dos quais, modelos matemáticos) estão aí para “aclarar” aquilo que é melhor descrito por “jogo de causalidades” – fato que, talvez, nos devesse fazer lidar, preferencialmente, com a idéia de graus e escalas (hierarquias?) de explicação. Como se as explicações em Geografia fossem algo de modulável, em função dos objetos e instrumentos. Por fim, Ferrier, um *dupont*-sênior, personificando o pensamento que, dentro do Grupo, sempre quis discordar do modelo das ciências positivistas, chama a atenção para o que entende ser uma necessidade: a de refundar a questão do espaço em Geografia, dada a evidente emergência de modelos de conhecimento científico mais humanísticos.

Temário: modelagem de crescimento urbano; estudos de simulação (aplicações à gestão do espaço); estrutura topológica de redes de fluxos (estradas); gestão de riscos em meio urbano; modelos de circulação em climatologia (caso africano); medidas fractais da forma urbana; interpretação de imagens de sensoriamento remoto; dinâmica sistêmica versus abordagem sistêmica; determinismo sistêmico e o papel do acaso; reflexões epistemológicas;...

O encontro de 2002 (*L'Idéal et le Matériel en Géographie*) contou com pouco mais de oitenta participantes, dentro os quais apenas três estrangeiros – uma Professora espanhola, outra romena e a presença prestigiosa de Anne Buttimer⁸, à época, presidenta da *International Geographical Union*. Três comunicações introduziram os trabalhos naquele ano: “O ideal e o material: das ciências sociais à geografia”, por Guy di Méo (Bordeaux), “Material/ideal: um assunto para a geografia?”, por Jean-François Staszak (Paris), e “Uma questão para a geografia, hoje”, por Christian Grataloup (Paris). Essas comunicações foram seguidas de quatro grandes Temas, que previram, por extensão, os tradicionais *Ateliers* de debate. Os temas: “As Redes, na sua Dupla Dimensão, Material e Ideal”; “A Geografia como Discurso, Representação do Mundo, nas suas Relações com o Real Figurado”; “A Noção de Território no Campo do Mental e do Material”; e “Como Pensar e Formular as Relações Material-Ideal, Objetivo-Subjetivo?”. Fácil notar, as discussões girariam em torno de matérias... talvez insolúveis... mas bastante excitantes.

Di Méo sustenta que a separação ideal-material é fictícia. Há, na realidade, uma dialética permanente entre ambos, e se se faz uma distinção, ela é meramente operatória (logo, não deixa de possuir interesse ... até para que, por exemplo, entenda-se a construção social de ideologias). A dialética conferiria uma “espessura” ao espaço geográfico,

⁷ Besse e Sanders são personagens importantes da empresa teorética francesa. O primeiro, sendo considerado por muitos um “epistemólogo da paisagem” (*philosophe et historien du paysage*), atua num eminente laboratório referendado pelo CNRS, o EHGO, *Laboratoire d'Épistémologie et Histoire de la Géographie*, lotado em Paris e inscrito na “Unidade Mista de Pesquisa” *Géographie-cités* (UMR 8504), onde aliás também desenvolvem seus trabalhos – e consolidam o pólo parisiense – as Professoras Denise Pumain, Marie-Claire Robic e a própria Lena Sanders. Sanders tem uma vasta produção bibliográfica sobre modelagem sistêmico-matemática de dinâmicas urbanas. Digamos, então, que, enquanto Besse desenvolve o flanco teórico-reflexivo, ela produz sobretudo na frente aplicativa da empresa.

⁸ A Professora Anne Buttimer (*University College Dublin*, Irlanda) ainda compareceria ao colóquio de 2006, quando faria uma conferência de encerramento.

conferindo-lhe as dimensões da cultura e da natureza. Sendo assim, a consideração dessa ambivalência significa uma superação da explicação clássica em Geografia: a tradição de, quase exclusivamente, objetivar os fenômenos é enriquecida por formas de compreensão advindas, por exemplo, pela *démarche* fenomenológica. Staszak propõe que a superação da dicotomia dê-se pelo reconhecimento de que o ideal estaria contido no material (o próprio autor admitindo que, às vezes, o ideal é “colocado intencionalmente” para que o material faça sentido ... o que complicaria uma “articulação M/I”). Por sinal, a metáfora empregada por Staszak ao final do texto é simples mas muito precisa: considerar as paisagens objetos estritamente materiais é como reduzir livros a uma reunião de folhas de papel. Por fim, Grataloup exercita um pouco de zelo extremado, ao frisar o risco (por mais que o próprio autor diga-se vacinado contra a cilada que se arma) de, embaraçado no jogo binomial materialidade-idealidade, o geógrafo cair na armadilha de identificá-lo como equivalente ao par (na verdade, denotante da “tensão fundadora” da ciência geográfica) “particular-general”. Porque se poderia qualificar de ideal a natureza dos modelos teóricos ... que, de fato, não passam de protótipos necessariamente sacrificadores de uma realidade “genuína”. Neste sentido, o grau de generalidade envolvida pareceria afastá-los do real concreto; da materialidade, portanto. Mas logo Grataloup lembra que os casos particulares (pelo menos no que diria respeito aos objetos de interesse às ciências sociais), ainda que possam insinuar observações não mais que idiográficas, são simultânea e indissociavelmente materiais e ideais.

Temário: aplicações nos estudos de mobilidade e circulação; territórios e redes; sistemas urbanos e territoriais (casos regionais); geografia psicológica; globalização e geopolítica do imaterial; mapas e discursos; a paisagem como mediação do binômio ideal-material; modelagem geográfica (caso russo); “estetização” dos territórios; o fator político (caso dos zoneamentos); imigração e memória dos lugares; aspectos mentais e materiais da complexidade territorial; governança urbana (caso magrebino); representações locais/nacionais e ação identitária (casos de fronteira, caso do leste europeu e casos de cultivos agrícolas na América Latina); o conceito de autopoiese na modelagem das relações ideal-material; imaginário geográfico e invenção de mundos; “áreas culturais”; o ideal no sensoriamento remoto; idealização do espaço turístico; reflexões epistemológicas; ...

O encontro de 2004 (*La Forme en Géographie*) contou com, aproximadamente, cento e trinta participantes – dois quais, alguns raros estrangeiros (vindos de Itália, Suíça, Bélgica e Síria). O tradicional trio de conferências introdutórias compreendeu falas de Philippe Pinchemel⁹ (“Das formas em geografia às formas geográficas”), de Philippe Martin (“A forma pode liberar a prisioneira da encruzilhada?: em busca de uma teoria da forma em geografia”) e de François Durand-Dastès em parceria com Jean-Paul Ferrier (“A forma e a vida”). As falas foram seguidas de quatro *Thèmes* e doze *Ateliers*. Os Temas: “Formas e Dinâmicas Espaciais: gênese e persistência das formas”; “Representação das Formas e Forma das Representações”; “A Instrumentação para o Reconhecimento e Construção das Formas em Geografia: do mapa à morfologia matemática”; e “Critérios Estéticos e Patrimoniais na Gestão das Formas”.

Pinchemel expõe sua impressão de que o geógrafo está, presentemente, diante de um dilema penoso. O de decidir se renega de vez o passado da disciplina, propondo uma outra, totalmente distinta; sendo que isso significaria “reduzir-se” ao nível das demais ciên-

⁹ Philippe Pinchemel (1923-2008) foi aluno de André Cholley (1886-1968), um nome-chave na gradativa inflexão da geografia francesa (de um sistemismo meramente verbal, vidaliano, a um outro, mais teórico). Pinchemel veio a se interessar por temas em geografia urbana e industrial, o que o levaria, na transição dos anos sessenta e setenta, a lidar com questões de planejamento territorial. Mas das atividades científicas executadas por este geógrafo a que queremos dar relevo aqui tem a ver, precisamente, com sua aproximação dos debates historiográfico e epistemológico. Pois Pinchemel é, simplesmente, o fundador de um “Centro de História da Geografia e de Geografia Histórica” (1967) ... além de ter presidido a comissão de História do Pensamento Geográfico, da UGI (fins da década de sessenta), e a comissão de Epistemologia e História da Geografia, do *Comité National Français de Géographie*, por década e meia.

cias da sociedade (tomando parte na grande e desafiadora incumbência de pensar problemas sociais recentes ... contribuindo com sua "perícia espacial"). Ou se assume a continuidade de uma longa história e seu tradicional papel: o de descrever e representar a superfície terrestre, onde os povos precisam conseguir viver, contudo humanizando-a e respeitando seus equilíbrios. Aparentemente, Pinchemel prefere a segunda "opção" (sic) e vê que nisto reside o caráter dual da ciência – que, fatalmente, sempre fez e fará o trânsito entre os campos da natureza e dos homens. Este "cruzamento" (*croisement*) seria, pois, permanente. E por mais que admitamos se tratar de uma ciência humana a Geografia, ela resta (como o mestre Vidal já dissera) ciência dos lugares. Lugares aos quais a sociedade humana dá forma e os quais transforma. Martin, nome ebulidor de uma geração *Dupont* intermediária, produziu um texto contundente e estimulante. Martin propõe que a questão da forma fosse reconstruída no seio do argumento geográfico; quer dizer, retirando-a da velha condição de objeto a ser descrito. Estaria havendo, segundo o autor, um "retorno às formas" no debate científico; e elas poderiam refundar a unidade da Geografia na medida em que se consiga formalizá-las, resolvendo teoricamente dois grandes problemas: a estruturação de duas interfaces fundamentais ("terra-atmosfera" e "mundo natural – mundo antrópico") e o enraizamento de duas obstruções. A primeira seria a modernidade "galileana", que restringiu muito o tratamento científico da forma; a segunda, a modernidade "democrática", que rejeitou a forma como significando um regramento imposto. Porque as espécies de forma que se revelam hoje essenciais de serem pensadas, são não só dinâmicas, mas de uma dinâmica complexa (logo, bem diversas da percepção galileana). E também porque, na visão de mundo tipicamente (neo)liberal, apesar de que se sufoque a idéia, de fato perigosa, de uma "submissão" a regras intangíveis, instaura-se o não menos grave juízo de um mundo cujo motor próprio seria propulso pelo individualismo cego. (Martin, com respeito à obstrução galileana, faz referência natural à geometria dos fractais – modelo cuja aplicação aos âmbitos físico e humano, ele vem se dedicando a estudar.). Finalmente, Durand-Dastès e Ferrier compõem, a quatro mãos, um texto que narra, em tom pessoal, todo o debate gerado no GD a fim de que o projeto de um *Géopoint* consagrado especialmente à questão da forma ganhasse o dia.

Temário: forma urbana (casos franceses e italianos); forma espacial e lógica econômica; planejamento urbano e ecológico (caso chinês); geohistória (heranças e formas perdidas); formas de desmatamento (caso africano); forma e ideologia territorial; bairros residenciais e diferenciação social; a forma em geomorfologia e pedologia; a forma do tempo em cartografias animadas; forma e corpo (casos de gênero e sexualidade); forma e função no sensoriamento remoto; formas e funções na paisagem rural; percepção e representação das formas; processo fractal na geração de formas; forma, disformia e ausência de forma; transformações da forma e auto-organização; reflexões epistemológicas; ...

Géopoint 2006 ("Amanhã a Geografia: permanências, dinâmicas, mutações: por quê? como?")

Esta edição do colóquio ocorreu nos dias primeiro e dois de Junho de 2006, reunindo em torno de cento e vinte participantes (com – entre outros estrangeiros – notável participação de italianos, suíços, canadenses e portugueses). Além da indagação-tema que a caracterizou, carregava o emblema de celebrar as três décadas de *Géopoints*. Na verdade, título e circunstância se complementavam, pois que se perguntaram os compartes: que Geografia para o amanhã? E, sem dúvida, o tónus dos agremiados (tanto quanto os dilemas que pretendiam "resolver") parecia(m) estar intacto(s).

O que a Geografia oferecia para melhor descrever e explicar os fenômenos e problemas emergentes? Da demografia, do planejamento territorial, da organização espacial em diferentes escalas. As técnicas de coleta e tratamento da informação, tendo experimentado inovações recentes, bastariam? (Já que, ponderando com prudência, aquelas "derivadas" re-

sultantes decerto exigiriam do geógrafo uma reflexão dirigida a impasses redefinidos pelo tempo: as novas responsabilidades, a urgência de atualizar as respostas a antigos problemas, etc.).

Três conferências moveram aquele fim de primavera: "Em busca de um restabelecimento formal em geografia" (por Denise Pumain), "Pensar geograficamente" (por Mathis Stock, da Universidade de Lausanne, Suíça) e "Reinventar a tarefa de ser geógrafo: do agradável ao útil" (por Karine Emsellem, da Universidade de Nice). Seguindo as conferências, desenrolaram-se o que, nesta edição, chamou-se "Sub-temas" (mas os habituais quatro, com três respectivos ateliês): "Evolução do Mundo e Evolução dos Questionamentos Geográficos"; "Condições de Emergências e de Transferências de Inovação"; "Técnicas, Métodos e Construções da Ciência Geográfica"; e "Quais as Contribuições da Geografia para os Mundos de Amanhã?". Das três conferências citadas acima, a de Pumain, sempre tornando distintos os eventos (por sua atuação teórica incontestada, no núcleo parisiense), toca numa ferida que nunca cicatriza. Por essa razão, decidimos ilustrá-las mencionando a sua, especialmente.

A Professora Denise Pumain fala da nociva, porém insistente, tendência dos geógrafos a (apesar de atuarem na dianteira) deixarem pelo caminho funções promissoras e *insights* desbravadores. Porque, nessa trágica sina, o profissional só faz "assistir, impotente, à venda de sua disciplina, por lotes" (PUMAIN, 2008, p. 20). Pumain teme que, a continuar esse pendor estranho para a renúncia, a própria análise espacial, cara à pesquisadora, veja-se abandonada ... o que simplesmente inviabilizaria a pretensão de lidar com sistemas complexos à base de conhecimentos mais formalizados.

Géopoint 2008 ("Otimização do Espaço Geográfico e Satisfações Sociais")

A última edição de colóquio a ser aqui comentada passou-se nos dias cinco e seis de Junho de 2008. Contou com cerca de oitenta participantes, dentre os quais representantes da Grécia, Portugal, Espanha, Itália, Bélgica e Suíça.

Acaba sendo oportuno encerrar a caracterização dos colóquios com este especialmente, devido à natureza do tema eleito para animar o décimo-sétimo encontro. Numa tradução mais sumária: "otimizar para satisfazer". Sendo assim, unificavam-se uma vez mais dois caros compromissos dos *Duponts*: com a modelagem e com a empiria. Para o caso do tema em pausa, uma modelagem dos complexos processos (e, nisso, subentendendo o jogo instável entre equilíbrios e bifurcações espaciais); enquanto que a preocupação empírica residiria na concepção de uma realidade essencialmente conflituosa, em nada plácida (em que as divergências, tanto quanto possível, deveriam ser apaziguadas num projeto prospectivo).

Seria, afinal, possível "co-construir" os territórios, a despeito de serem caracterizados por tremendos obstáculos? Se "otimizar" não significa simplesmente maximizar um determinado elemento do real (como se bastasse detectar o mais confortável e então priorizá-lo), é necessário considerar os conjuntos intrincados formados por desejos assimétricos, relações contraditórias e os sempre iminentes riscos sistêmicos. Mais do que nunca, exige-se uma Geografia capaz de lidar com a interação contínua de distintas resiliências. A da antroposfera, a dos sistemas naturais.

O trio de conferencistas foi formado por três Professoras. A *Dupont* Catherine Sélیمانovski, da Universidade de Montpellier II ("Coesão social e otimização do espaço geográfico") e as convidadas estrangeiras Isabelle Thomas, da Universidade Católica de Louvain, Bélgica (se/nos indagando "Otimização do espaço geográfico?") e Vilma Hastaoglou-Martinidis, da Universidade Aristote, Tessalônica, Grécia (com "A herança cultural, fator de otimização em geografia urbana"). Na seqüência destas conferências os participantes distribuíram-se em torno de quatro grandes temas de discussão: "Processos de Otimização e

Estado Ótimo”; “Otimização, Imprecisão, Incerteza e Governança”; “Durabilidade e Território”; e “A Otimização Conduz ao Justo e ao Belo?”.

Para entendermos um pouco o norte das discussões que se seguiriam, façamos um breve resumo das falas daquelas três Professoras. A de abertura ficou a cargo de I. Thomas, que atua junto ao INMAQ, “Instituto de Pesquisa Multidisciplinar para a Modelagem e a Análise Quantitativa”. Thomas sustentou que a otimização implica sempre nos perguntarmos que meios e que atores estão intervindo. Porque é necessário gerir a natural tensão entre necessidades e custos (de instalação de equipamentos, p.ex.). Logo, imediatamente nos deparamos com um confronto entre pontos de vista: os dos diferentes atores. Então, o desafio colocado ao raciocínio geográfico (absorvido, é claro, pela prática do planejamento) seria o de mobilizar habilidades a fim de lidar com este sintoma de um (inevitável) conflito entre equidade e eficácia. Já Catherine Sélیمانovski, que representa hoje, no seio do GD, um pensamento mais “à esquerda” (em virtude de sua proximidade com a literatura neomarxista), proferiu uma fala em evidente tom crítico. Em essência, denunciou o fato de que, em tempos de tão propalados discursos sobre território, ainda não se conseguiu de fato resolver as tensões inerentes, que tanto comprometem a eficiência das políticas públicas. Trata-se, segundo a geógrafa, de encarar os sinais muitos de precariedade social (pobreza, violência) – sem o quê, as políticas de tratamento podem produzir inclusive efeitos contrários (portanto, nefastos) aos objetivos que guiaram as próprias políticas (supostamente) remediadoras. Por fim, a última conferência de abertura, pronunciada por V. Hastaoglou-Martinidis, dirigiu-se a um estudo de caso. A Professora, que atua junto à Escola de Arquitetura, falava de sua experiência na revisão do Plano Diretor da grande Tessalônica. Por conseguinte, a otimização a que se referiu a conferencista consistia numa preocupação em nortear as estratégias de uso do solo sem que se perca de vista os valores patrimoniais e paisagísticos daquele território.

Dois antigos e ativos *Duponts* profeririam as conferências de encerramento. Annick Douguédroit, falando da “Nova instabilidade dos territórios” e Jean-Pierre Marchand, com sua “Escalada da incerteza em geografia”. Douguédroit, climatóloga de formação, explora os fenômenos indicadores de mudança climática e constrói uma reflexão sobre o desencadeamento de seqüências sucessivas junto aos meios naturais e humanizados – fato que parece impor uma visão geográfica atenta a uma dinâmica de modificações progressivas e de rupturas (o que, obviamente, torna periclitante a organização territorial dos sistemas sócio-econômicos). O grande problema, segundo Douguédroit, é o natural desacerto entre um clima em evolução contínua e as adaptações (apenas aparentemente “*optimal*”), que não podem ser mais que momentâneas.

Marchand, por sua vez, fecha este *Géopoint* com um interessantíssimo ensaio em que avalia a evolução do conceito de “incerteza” na Geografia. Ainda que provavelmente este *Dupont* estivesse falando do histórico desta noção no pensamento francês especialmente, talvez se possa retirar um universal desta “evolução” que propôs em sua conferência. Marchand sustenta que, num primeiro momento, o geógrafo teria se empenhado firmemente em reduzir (ou ocultar?) a imprecisão de suas assertivas. Tratava-se, poderíamos dizer, de uma fase, na verdade, de plena confiança no valor das explicações descritivas. Mas, em seguida, teria advindo um segundo momento em que o geógrafo, aspirando a uma ciência mais prospectiva, viu-se diante de uma (enfim) explicitada incerteza. A mesma incerteza que, a bem dizer, esteve sempre presente; apenas que implícita ou dissimulada. Depois, uma terceira fase (recente na França, assim entende Marchand) seria caracterizada por um passo dado adiante: a consideração teórica propriamente da incerteza. Ou seja, mais que reconhecê-la, considerá-la nos modelos! A evolução, portanto, previu uma gradativa passagem entre a noção de que “explicar” é sinônimo de “diminuir imprecisão” e a noção (já há mais tempo admitida por ciências como a Economia) de que a própria incerteza define um novo paradigma explicativo. Nas vezes de geógrafos antevidentes, Marchand cita três nomes que já teriam, nos anos sessenta e setenta, percebido o papel da incerteza nas dinâmi-

cas fenomênicas: Peter Haggett, Roger Brunet, Charles-Pierre Péguy. Não por acaso, três personagens simpáticos à causa teórica.

SUPLEMENTO: O TESTEMUNHO DAS REUNIÕES

Há décadas o mesmo rito anual. Três seções de um turno cada ... contabilizando, pois, um dia e meio de atividades. (No início, o regime das reuniões era o de sábado e domingo; mas desde o ano de 1987, ficou decidido que o regime seria o da tarde de sexta-feira – com a noite deste dia reservada a um jantar de confraternização – e manhã e tarde de sábado – turnos estes, também intercalados por um desfrute *gourmand*.). Essa tradição costuma se dar no final dos meses de Janeiro, sendo que a cada dois anos – precisamente no ano em que acontecerá mais uma edição do *Géopoint* – a reunião prevê tratativas a ver com detalhes de sua organização.

Habitualmente, o primeiro turno é reservado a escutar um convidado e com ele discutir¹⁰. Nas outras duas seções, por sua vez, tratam-se assuntos administrativos: planejamento de calendário de atividades e decisões concernentes à organização do próximo colóquio (a acontecer, em casos bienais, por volta de seis meses depois). Mas dá-se também o famoso *tour de table* – curiosa dinâmica pela qual os presentes noticiam informações de toda sorte (publicações recentes, comentários pessoais sobre a nova literatura, divulgação de eventos pertinentes, etc.) ... e, como se presume, adornada pelo conhecido humor cáustico francês. A ele nem a produção intelectual de amigos escapa.

Retornássemos no tempo ... veríamos o quanto, decerto, essas seções foram integralmente aproveitadas para uma “recuperação” (*rattrapage*) ... quando um ou outro dos jovens professores se incumbia de apresentar aos demais, por exemplo, um capítulo espinhoso de certo manual de métodos estatísticos. Tinha-se de, nos anos setenta, recuperar todo o tempo perdido.

Mas voltemos ao rito. Aquele convidado – que não será necessariamente um geógrafo – é trazido por um dos integrantes para que, a todos os *Duponts* presentes, exponha o teor de suas pesquisas. Apesar de um clima geral de confrades, nem sempre este visitante se sentirá confortável. O normal é que, ao contrário, experimente a tensão típica de uma penosa argüição. E não que os argüidores, eventualmente, vão discordar do embasamento teórico, ou não vão entendê-lo pelos termos colocados; mas simplesmente (ou “sadicamente”, diriam os muito sensíveis) porque quererão ver o quão próximo o argüido é capaz de chegar de uma sustentação definitiva. Pois que não há quem creia ali numa “distância-zero” entre as palavras e as coisas. É, efetivamente, uma sessão tensa. E que só será olvidada (talvez) mais tarde, quando da sessão, já mais hedonista, à mesa de jantar.

Pegos de surpresa, só quando ouvimos “o senhor nos quer colocar alguma questão antes que iniciemos as nossas?” é que percebemos que nós mesmos seríamos, naquele final de Janeiro de 2010, o sabatinado da vez.

¹⁰ Eventualmente, na ausência de um convidado, algum *Dupont* compartilha resultados parciais de uma pesquisa sua, em andamento. No caso da reunião de 2012, Durand-Dastès apresentaria volumosas informações que recolhera nos últimos tempos, sobre o fenômeno da violência na Índia. (Por sinal, está previsto para a próxima edição do *Géopoint*, um eixo temático consagrado aos chamados “Espaços da Violência”).

*Sexta-feira, vinte e nove de Janeiro de 2010*¹¹

Numa sala de aula, na Universidade de Avignon (14:30)

Enquanto tentávamos improvisar, em papel, o que dizer (e que fosse, além de útil, compreensível aos ouvintes), cada um dos membros presentes se nos apresentou, comentando estudo de interesse e lotação oficial: Henri Chamussy (modelagem e epistemologia; aposentado da Univ. de Grenoble), Jean-Paul Ferrier (linguagem, medição e instrumentação geográfica; aposentado mas ainda atuando na Univ. de Marselha), Franck Auriac (geografia econômica sistêmica; aposentado da Univ. de Avignon, residindo em Montpellier), André Dauphiné (climatologia e epistemologia; aposentado mas ainda atuando na Univ. de Nice), François Durand-Dastès (climatologia e análise temporal; aposentado mas ainda atuando na Univ. de Paris VII), Jean-Pierre Marchand (climatologia, riscos e interfaces com a ciência humana; Univ. de Rennes II), Christian Grataloup (modelização em geografia histórica; Univ. de Paris VII), Philippe Martin (geomorfologia cárstica e epistemologia das formas; Univ. de Avignon), Catherine Sélیمانovski (segregação espacial; Univ. de Montpellier), Liliane Barakat (planejamento e patrimônio urbano; Univ. de Beirute). Um colegiado diminuto, mas reunindo notáveis representantes da geração sênior e aderentes de nova geração¹².

Seguiu-se uma conversa frenética pela qual, se bem entendemos, os presentes quiseram fazer-nos entender a pluralidade de visões no seio da agremiação. Durand-Dastès preocupado com o excesso de privilégio a uma apenas forma de conceitualização (*une seule entrée*)¹³; Dauphiné denunciando uma geografia social francesa conservadora do ponto de vista epistemológico¹⁴; Martin tomando carona na admoestação e defendendo que essa geografia social estaria contribuindo a retardar o importante movimento de “descoisificação” da ciência¹⁵. Tendo lhes perguntado sobre, segundo eles, de onde poderiam provir, atualmente, os melhores *insights* teóricos úteis à Geografia, as respostas nos soaram previsíveis: modelos em Biologia, a ver com estruturação morfológica (opinião comungada por Chamussy, Ferrier e Dauphiné), teorias da complexidade e atuais empreendimentos em Astrofísica (aposta de Marchand), estudos de fenômenos linguísticos e genéticos, cuja dinâmica se assemelharia ao que ocorre no “tecido social” (julgamento de Grataloup). Índícios de um tão recriminado neopositivismo provavam ali sua sobrevivência.

Intimidados e sem saber se o que tínhamos a oferecer saciaria a curiosidade daquela confraria, procedemos ao trivial: o histórico de nossas pesquisas, o interesse em entender a difusão da empresa teórico-quantitativista no Brasil, a curiosidade por decifrar o “heroísmo” daqueles que, em própria França, lutaram por uma Geografia mais sistemática e o desejo de compreender o divórcio entre as geografias brasileira e francesa justo nesta deriva pró-abstracionismo. Falamos um pouco sobre os geógrafos do IBGE e da antiga Faculdade de

¹¹ Mais recentemente, também acampanhamos esta denominada *première séance*, tendo a mesma ocorrido no dia 27 de Janeiro de 2012 (numa tradicional sexta-feira).

¹² Seria somente em nossa segunda visita (entre os dias 27 e 28 de Janeiro de 2012) que conheceríamos dois outros importantes personagens: Annick Douguédroit e Robert Chapuis.

¹³ Durand-Dastès reclama de uma “formação deficiente” (apenas na França?), a qual estaria fazendo com que nos fiássemos muito na idéia de um “contexto” que, por si só, tudo explicaria. E isto ao invés de sermos formados no sentido de pensar nos “mecanismos” reais interventores. Daí então a larga difusão de expressões-chave que, aparentemente, responderiam (ou poderiam responder) pelo estado das coisas ou pelos anseios: “globalização”, “desenvolvimento sustentável”, etc.

¹⁴ Falando, aliás, em conservadorismo (ou, no caso, anticonservadorismo), dois anos depois, na reunião de 27/01/2012, André Dauphiné apresentaria aos presentes seu mais novo ensaio sobre fractalidade, associando-a agora à percepção de beleza. Sua hipótese é que a própria visão possuiria uma dimensão multifractal, já que não tenderíamos tanto a enxergar maior beleza em paisagens harmônicas.

¹⁵ De acordo com Philippe Martin, a teorização torna-se mais importante na medida em que o problema ganha conteúdo abstrato (o que explicaria a existência de toda uma família de teorias devotadas à realidade quântica, p. ex.).

Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro: Speridião Faissol, Pedro P. Geiger, Marília V. Galvão, Fany Davidovich; José A. F. Diniz, Antonio O. Ceron, Antonio Christofolletti, Lucia Gerardi. Pontuamos obras e datas. E comentamos o caso brasileiro da dissensão entre geógrafos físicos e geógrafos humanos – algo de se verificar na existência de congressos cindidos e num rompimento tolo do qual derivaram um pragmatismo epistemologicamente alienado e um denunciamento operacionalmente frustrante (ARAÚJO NETO; REIS JÚNIOR, 2011). Foi muito recompensador vê-los interessados e tomando nota a respeito do que foi, segundo nossa modesta exposição, a revolução teórica e quantitativa no Brasil.

Num agradável jantar, celebráramos o encerramento deste primeiro turno.



Figura 3 – Membros Dupont

[em cima (a partir da esquerda): Henri Chamussy, François Durand-Dastès, André Dauphiné e Jean-Pierre Marchand (em pé); embaixo (a partir da esquerda): Franck Auriac, Jean-Paul Ferrier, Philippe Martin e Christian Grataloup]. [Fotos de nossa autoria].

Sábado, trinta de Janeiro de 2010¹⁶

Numa sala de um prédio particular, à rua dos Tintureiros (Centro da Avignon Intramuros, 09:00)

Nesta manhã, o Professor André Dauphiné nos brindou com uma conferência na qual (antecipando o centro das discussões do colóquio daquele ano) expôs o que entende ser

¹⁶ No ano de 2012, acampanháramos as previstas segunda e terceira *séances* no dia 28 de Janeiro. No turno da manhã, Chamussy apresentaria resultados de sua pesquisa sobre o Líbano – série de informações históricas e sócio-econômicas que deverá resultar num livro sobre aquele país (no qual, aliás, praticamente inexistia uma literatura geográfica científica).

uma "teoria geral das formas" em Geografia (*théorie générale des formes géographiques*). Na ocasião, tomaram parte outros importantes nomes da geração de Duponts pioneiros, que não estiveram no sarau da véspera: Joël Charre, Maryvonne Le Berre e René Grosso¹⁷.

Dauphiné, muito bem quisto entre os convivas, sustentou, sob comentários exultantes à baixa voz ("*il continue en pleine forme*"), as idéias que, há décadas, vêm freqüentando sua produção intelectual. A evolução da ciência consiste num caminho em direção à abstração. Há teorias e modelos que se replicam, sob leituras distintas, em âmbitos disciplinares vários (reação-difusão, ativação-inibição ... permitindo formalizações teóricas sobre a marcha de uma epidemia, assim como sobre o crescimento urbano). Logo, uma teoria "unificada" da forma seria possível (*théorie générale unificatrice des formes*) ... quando então "belezas algorítmicas" se explicariam por uma dinâmica de padrões¹⁸. Ainda no plano das formas, há transformações equivalentes mesmo na transição de escalas (fractalidade). Todos os processos seriam do tipo determinista; apesar de que, conforme variem as escalas, os modelos que os descrevem (estes sim) possam tornar-se deterministas ou aleatórios. E ... provocando alguns presentes ... geógrafos sociais não usariam realmente conceitos (científicos), mas antes noções.

Sua exposição matutina, como de hábito, despertou amplas discussões. Sobre relações determinísticas e caóticas. Sobre o caráter infindo da construção de modelos (de vez que pressupõe a escolha pessoal de variáveis). Sobre o funcionamento "independente" dos níveis escalares (mundo/indivíduo) e as autocorrelações. No final, os essenciais mesmos debates que caracterizaram os encontros inaugurais de décadas antes. Apenas que revitalizados, re-oxigenados pela atenção rendida às novas bibliografias, aos trabalhos de outras ciências. Na verdade, Dauphiné talvez represente o personagem que, atento à literatura científica, se preocupa em desconstruir os juízos extremos; isto é, consciente do que se passa na história recente das ciências, não pensar que haveria imperfeições peculiares à Geografia, nem tampouco considerar que certos brilhantismos seriam só seus. Freqüentar a epistemologia além-fronteira evitaria, pois, a lamúria e o auto-ufanismo.

(Mesmo recinto, 14:00)

A sessão da tarde tratou de questões administrativas e a ver com a organização do então próximo colóquio, o *Géopoint 2010*. Embaladas por um tom de sarcasmo, as falas, apesar de dirigidas para a resolução daquelas sérias questões, tornaram recreativo o último turno.

Estabeleceu-se uma próxima reunião (que se daria em Abril, na cidade de Nice), prevendo o tradicional convite a pesquisadores, convocados a falar sobre sua produção. Discutiram-se os prováveis conferencistas na décima-oitava edição do *Géopoint* (e seguiu-se o hábito de chamar, além de confrades – no caso, Pumain e Durand-Dastès –, também não-geógrafos: Laurent Nottale, famoso astrofísico francês, mais um economista e um biólogo – estes dois ainda a serem definidos). Formou-se a comissão avaliadora de trabalhos (*Comité de Lecture*). Philippe Martin, que vem sendo o responsável pela organização geral

¹⁷ René Grosso faleceria em Junho do ano seguinte. Foi quando de nossa segunda estada ali (Jan. 2012) que recebemos a notícia da morte deste Dupont pertencente ao círculo dos precursores. Madame Le Berre, muito adoentada, não compareceria à reunião de dois anos depois.

¹⁸ Provando seu ininterrupto estar atento à moderna literatura científica, Dauphiné fez referência a, por exemplo, duas obras transdisciplinares: *The algorithmic beauty of sea shells* (de Hans Meinhardt. Berlin: Springer, 1995. 204p.) e *The dynamics of patterns* (de M. I. Rabinovich, A. B. Ezersky e P. D. Weidman. Singapore: World Scientific, 2000. 324p.).

dos colóquios, deu notícias sobre a edição dos anais referentes ao *Géopoint 2008* (custos, financiamentos, revisão de transcrições)¹⁹.

Finalmente, aquilo que mais nos chamou a atenção, o *tour de table*. Nesta dinâmica, que encerra o encontro, num “giro de mesa”, cada presente faz uma divulgação de seu interesse – um tema ou notícia que é ordem do dia, um evento científico, uma publicação recente. Henri Chamussy, por exemplo, noticiaria ali a edição do livro *Le goût du monde: exercices de paysage*²⁰, em que o autor, Jean-Marc Besse, trata, dentre outras coisas, do chamado “espaço hodológico” – menos métrico e objetivo, mais ligado aos desejos e emoções. Também enleada por uma atmosfera revezando seriedade e bom-humor (às vezes debochado), essa sessão de registros pode (como testemunhamos) inclusive prever o comentário sobre alguma conferência mundial ou mesmo um filme em cartaz nos cinemas²¹.

Ilustrando a ambiência entusiasmante de intervenção-reação, ao revelar ser um colecionador de livros didáticos antigos de Geografia, Chamussy inspirou em Grataloup uma afirmação jocosa: enquanto os manuais pedagógicos de História criam um “romance nacional”, os de Geografia produzem uma “pintura nacional”. Casual ou sintomático? O comentário de Grataloup bem pode denotar que o combate assumido quarenta anos atrás jamais deixou de se restituir. Não obstante as superações acadêmicas, no recinto escolar a Geografia teria restado clássica.

¹⁹ Os anais de cada colóquio são lançados sempre dois anos depois, justamente à ocasião do colóquio seguinte. A grande vantagem deste “lapso”, conquanto incomum, reside no fato de que seu leitor será agraciado com editoriais e capítulos-remate que lhe revelarão todo o calor das discussões, o efeito junto aos ouvintes e suas reações – animação que, obviamente, só uma editoração *a posteriori* pode veicular. A propósito, a fala de P. Martin mostrou-nos o quanto é trabalhosa essa tarefa de organizar o produto textual dos colóquios ... tamanho o preciosismo e a minúcia para uma tradução fidedigna do clima dos *Ateliers*.

E na tarde homóloga de dois anos depois, seria noticiado por Martin três novidades: a decisão de extinguir, a partir do *Géopoint 2012*, a publicação dos anais em papel (isto é, os trabalhos a serem apresentados na décima-nona edição do colóquio já seriam publicados exclusivamente em formato digital); a decisão de criar um periódico seriado online, sendo que o periódico (previsto para ser anual), a cada dois anos, veicularia justamente os anais respectivos à mais recente edição do *Géopoint*; e o projeto de que, em 2014, o *Géopoint* seja organizado numa associação Avignon/Lausanne, recordando a velha parceria entre franceses e suíços.

²⁰ Paris: Actes Sud, 2009. 228p.

²¹ Naquela oportunidade, veio à tona o enredo ficcional do filme *Avatar* (EUA, James Cameron, 2009), criticado, presumivelmente, pelos clichês ambientalistas que transmite nas entrelinhas (ou, entretemadas). Com respeito a preocupações ambientais, não passaram despercebidas a mitificação do aquecimento global e as frustrações em torno da COP15 (Conferência da ONU que havia ocorrido em Copenhague, Dinamarca, entre os então últimos dias 07 e 18 de Dezembro).

Já na tarde homóloga de 2012, o *tour de table* previu comentário acerca de publicações bastante recentes tratando de *softwares* aplicativos, economia e história geopolítica – com, p.ex., intervenções de Dauphiné, Ferrier e Chamussy. O ecletismo ficava patente na resenha oral de obras sobre o Egito pós-Moubarak, os imperativos espaciais do fato colonial, a antinomia “economicismo *versus* anti-utilitarismo” no discurso das ciências sociais, ou a didática de exercícios de simulação computacional.



Figura 4 – Sessões de 30/01/2010 (conferências e *tour de table*)

[fotos de nossa autoria]



Figura 5 – Sessões de 27 e 28/01/2012 (conferências e *tour de table*)

[fotos de nossa autoria]

Este testemunho e convívio por três turnos nos fez ver/atestar a causa-moção do GD: “como, afinal, fazer geografia?”. Eis o desafio provocativo. Eis a tendência que se transformou em tradição. E é o signo comum que subministra os Colóquios *Géopoint* há dezoito edições.

O mais ressaltante (e, portanto, atraente para um desenho historiográfico) é que as idéias propositivas foram e ainda são distintas. Se à época debutante, os jovens Raffestin e Bailly personificaram o policiamento – de não assentir cegamente (ou num ato contínuo, maquinal) na adesão às técnicas abstratas –, atualmente há também os nomes que jogam esse papel vigilante.

Mas, no final, parâmetros aglutinadores preservam-se: as predominantes análises sistêmicas e (detrás de todo argumento) a intenção epistemológica²².

Como, senão assim, fazer geografia?

Baseados em anotações pessoais de François Durand-Dastès, abaixo listamos uma “sinopse” das, até então, vinte e oito reuniões do GD (algumas das quais antecipatórias de colóquio) ... mas salientando, particularmente, os convidados e suas exposições, bem como encontros descentralizados e episódios importantes. A sinopse é apresentada em três figuras de conteúdo seqüencial. E finalizamos divulgando o pôster do próximo colóquio *Géopoint*, previsto para ocorrer em Junho de 2012²³.

²² É oportuno ressaltar aqui a “temperatura” que pudemos aferir durante as sessões de reunião do último Janeiro. Temperatura mantida alta sobretudo na discussão de temas caros à filosofia da ciência – temas, portanto, imorredouros na ciência geográfica. Foi fascinante testemunhar que ainda têm fôlego intelectual estes personagens ... muitos dos quais já na casa dos setenta anos. Questões que passariam por desimportantes ou ultrapassadas a muita gente, ali mereceram longos e acalorados debates. Citamos aqui algumas delas:

- o fato de que ainda há quem opte por descartar elementos potencialmente explicativos, apenas porque eles não servem para explicar a totalidade do fenômeno; afinal, se eles não atuam a sós causalmente, devemos, por isso, reduzir a nada o eventual poder de suas ações particulares? (este grande tema veio à tona quando da exposição de Durand-Dastès a propósito da violência na Índia);
- o fato de que ainda há quem prefira sustentar que simplesmente não se prestam à explicação aqueles fenômenos para os quais não se consegue formalizar uma explicação perfeitamente determinística (tema advindo quando Dauphiné, comentando sobre o que entende serem “diversos tipos de determinismo” – o filosófico, o físico, o marxista e o cultural –, sustentara que todos os fenômenos geográficos são “multicausais”; logo, o reconhecimento científico dos mesmos pressuporia recorrer sempre à abstração).
- o problema em saber (ou reconhecer) o “limite” da intervenção do pesquisador (questão levantada por Chamussy – para quem a tarefa do cientista é, estritamente, a de saber o que está efetivamente ao seu alcance conhecer, para depois fazer conhecer; e não a de saber o que, eventualmente, estaria ao seu alcance fazer).
- o problema em saber (ou demarcar) o caráter distintivo das disciplinas científicas (questão trazida por Martin, para quem a Geografia, diferentemente de outras ciências, não possuiria “objetos de conhecimento”; ou seja, precisamente aquilo que, uma vez dominado teoricamente, permite a produção de artefatos).
- o problema em saber operar acauteladamente a transposição de “teorias alheias” (questão colocada por Douguédroit na intenção de deixar clara sua impressão de que, infelizmente, a Geografia Humana teria sido “invasada” pela Sociologia; sendo que, ademais, nem toda incorporação teórico-conceitual havida teria sido realizada de modo cuidadoso ou fidedigno).

²³ Atualmente, há um esforço para digitalizar e disponibilizar, aos poucos, os vários anais de encontro *Géopoint*. Por ora, o interessado pode pelo menos identificar a lista de conferências e trabalhos apresentados. Consultar em: <<http://www.groupe-dupont.org/geopoint.htm>>

1976		Ano de <i>Colloque Géopoint (Théorie et Géographie)</i>
1978		Ano de <i>Colloque Géopoint (Concepts et Construits en Géographie)</i>
1980		Ano de <i>Colloque Géopoint (Axiomes et Principes en Géographie)</i>
1981		
18/19 Jan.	P. Pinchemel: vocabulário e conceitos da Geografia	
21/22 Mar.	A. Reynaud: o conceito de justiça sócio-espacial H. Chamussy: texto “ <i>Suicídio ou assassinato da geografia</i> ”	
15/16 Mai.	J.-B. Racine e C. Raffestin: território e territorialidade (em Nice) discussão sobre sistemas (presença de J. Beaujeu-Garnier)	
1982		Ano de <i>Colloque Géopoint (Les Territoires de la Vie Quotidienne)</i>
10/11 Jan.	M. Chesnais: redes e territórios	
24 Abr.	J.-P. Ferrier: território	
13/14 Nov.	A. Dauphiné: crônicas M. Guigo: trabalhos em hidrologia e erosão	
1983		
22/23 Jan.	P. Uvietta: sistemas	
06/07 Mai.	J. Deflandre (físico) e P. Matarasso (econômista): sistemas físicos	
18/19 Nov.	J.-P. Marchand: obstáculos do meio físico	
1984		Ano de <i>Colloque Géopoint (Systèmes et Localisations)</i>
10/11 Mar.	Peter Gould (conversas polêmicas)	
25 Nov.	Roger White: teorias e modelos de simulação	
1985		
09/10 Mar.	(em Montpellier) discussão sobre software e didática (presença de R. Brunet)	
01/02 Jun.	Rodney White: modelos regionais integrados e paradigma das estruturas dissipativas	
16/17 Nov.	C. Deniau: regressão linear e cuidados (sugestão de encontro sobre matemática e ciências humanas)	
1986		Ano de <i>Colloque Géopoint (La Carte Pour Qui? La Carte Pour Quoi?)</i>
12/13 Jan.	(em Lyon) G. Peugniez: cartografia	
1987		
13/14 Mar.	C. Voiron-Canicio: a variografia	
20/21 Nov.	L. Buisson: abordagem sistêmica das avançadas	
1988		Ano de <i>Géopoint (Écrire la Géographie sur le Monde. L'approche Régionale ...)</i>
22/23 Jan.	S. Ostrovsky: semiologia e semiologia do espaço	
29 Abr.	J. Marek: a Geografia na Polônia	
07/08 Out.	(em Grenoble) L. Sanders: método de análise estatística J.-P. Marchand e F. Durand-Dastès (relato de visita a universidades brasileiras) P. Uvietta: modelagem quantitativa	
1989		
13 Jan.	J. Brougham: o estudo das ciências sociais pode ser uma ciência?	
17/18 Mar.	A. Miquel: a Geografia no mundo muçulmano	
21 Abr.	R. Chauvis: o quantitativo e o qualitativo nas ciências sociais	
1990		Ano de <i>Colloque Géopoint (Histoire, Temps et Espace)</i>
30/31 Mar.	J. Mauduit: Geografia e western	
?? Mai.	(discussão sobre Michel Serres)	
27/28 Set.	A. Dauphiné: espaço, formas e processos	
?? Nov.	(discussão sobre Eric Dardel)	
1991		
?? Mar.	(em Pau) X. Piolle: questões de geografia social	
30/31 Mai.	F. Hélé: a natureza tropical	
27/28 Set.	(em Dijon) (discussão com economistas dijoneses)	
27/28 Nov.	E. Weiss e M. Blais: população, poder e sociedade	

Figura 6 – Reuniões do Grupo

[organização nossa, a partir de anotações de Durand-Dastès]

1992	Ano de <i>Colloque Géopoint (Modèles et Modélisation en Géographie)</i>
13/14 Mar. ?? Out. 03/04 Dez.	E. Schwarz: sistemas G. Bertrand: a obra G. Dupuy: redes
1993	
29/30 Jan. (29 Mar.– 06 Abr.) 26/27 Nov.	P. Dumolard: sobre os SIG's (viagem à Montreal, Canadá, para reuniões e visitas) P. Lagacherie: cartografia pedológica
1994	Ano de <i>Colloque Géopoint (SIG, Analyse Spatiale et Aménagement)</i>
14/15 Jan. 16 Dez.	J. Vard: sobre os SIG's H. Chamussy: o discurso geográfico
1995	
27/28 Jan. 24/25 Mar. 02 Jun. ?? Dez.	J.-L. Bonnefoy: ferramentas de análise espacial e planejamento territorial C. Grataloup: geohistória e modelagem da história N. Ferran (engenheiro ambiental): sistemas multi-agentes F. Plassard: o espaço dos economistas e o espaço dos geógrafos (discussão sobre o determinismo)
1996	Ano de <i>Colloque Géopoint (Espace et Nature dans la Géographie d'Aujourd'hui)</i>
03 Fev. 12/13 Dez.	J.-P. Marchand: a noção de "limitação" (<i>contrainte</i>) M. Chesnais: redes
1997	
24/25 Jan. 14/15 Mar. 30/31 Mai. 26/27 Set. 14/15 Nov.	G. Nicolas: análise espacial J.-P. Lugnier: Economia e Geografia J. Levy: a obra G. di Méo: território J.-P. Augustin: geografia dos esportes
1998	Ano de <i>Colloque Géopoint (Décision et Analyse Spatiale)</i>
09/10 Jan. 06/07 Mar. 25/26 Set. 04/05 Dez.	M. Lussault: lugares, territórios e redes P. Dumolard, M. Guigo e N. Dubus: sobre "decisão" C. Grataloup: espaços e temporalidades L. Chapelon: modelagem, fluxos e redes H. Chamussy: as geografias francesa e inglesa (em Dijon) J.-M. Huriot: economia geográfica e a função do espaço F. Goffette-Naget e M. Hilal: economia geográfica e configuração dos espaços rurais
1999	
26/27 Mar. 28/29 Mai. 15/16 Out. 10/11 Dez.	C. Deniau: princípios de classificação D. Parochia: redes, organizações e sistemas (em Arc-et-Senans) D. Joly (e outros): sobre a paisagem visível J.-M. Besse: problemas de explicação (em Grenoble) H. Gazel: esquete sobre explicação (longas discussões) B. Legendre: sistemas multi-agentes e SIG H. Fiorino: inteligência artificial
2000	Ano de <i>Colloque Géopoint (L'Explication en Géographie)</i>
25/26 Mar. 20/21 Out. 01/02 Dez.	M. Kama: dinâmicas e estruturas espaciais J.-P. Gilg (e outros): sensoriamento remoto J.-P. Lugnier e O. Crevoiser: teorias das inovações C. Courlet: modelo de distritos industriais e sistemas produtivos localizados
2001	
26/27 Jan. 23/24 Mar. 04/05 Mai.	(discussão sobre os geógrafos dos anos sessenta) F. Vallat: teoria da regulação J.-P. Gilly: efeito territorial da regulação e dinâmicas de proximidade (em Aurillac) C. Roz: simulação e modelos de análise espacial

Figura 7 – Reuniões do Grupo (continuação)

2002		<i>Ano de Colloque Géopoint (L'Idéal et le Matériel en Géographie)</i>
22/23 Mar.	J.-F. Staszak: o mundo material e o objeto da Geografia	
03/04 Mai.	G. Ritchot: geografia estrutural (em Saint Nazaire)	
20/21 Set.	J.-P. Peyon: a obra	
29/30 Nov.	C. Raynaud e P. Gomy: espaço e arqueologia (longa discussão sobre a "forma")	
2003		
?? Jan.	A. Reynaud: designação espacial e geopolítica	
28/29 Mar.	J.-P. Marchand e P. Dumolard: os pixels C. Puech: escala e sensoriamento remoto (em Moroges)	
29/30 Mai.	M. Cosinschi: transfiguração cartográfica	
19/20 Set.	Ph. Martin: formas naturais e antrópicas do espaço terrestre C. Selimovskii: inscrições espaciais da pobreza	
28/29 Nov.	C. Voinon-Canicio: relações forma-objeto e homogeneidade e heterogeneidade espaciais S. Trois-Carrés: geometrias e espaços matemáticos e a questão da percepção espacial S. Pomel: formas em morfologia e pedologia	
2004		<i>Ano de Colloque Géopoint (La Forme en Géographie)</i>
23/24 Jan.	R. Brunet: sobre as formas	
26/27 Mar.	J.-M. Besse: a forma segundo os filósofos	
15/16 Out.	C. Grataloup: regiões do tempo e periodização do espaço N. Cattan: estudos de gênero	
02/03 Dez.	B. Mérenne-Schumacher: a Geografia na Bélgica	
2005		
04/05 Fev.	J. Petitot: teoria da forma	
02-04 Jun.	S. de Ruffray: lógica fuzzy	
07/08 Out.	G. Rabino: modelos operacionais de larga escala	
09/10 Dez.	J. Lahérère: problemas energéticos O. Orain: arqueologia da geografia contemporânea	
2006		<i>Ano de Géopoint (Demain la Géographie. Permanences, Dynamiques, Mutations ...)</i>
27/28 Jan.	L. Sanders: o futuro da modelagem	
	L. Grasland: dimensão espacial das novas tecnologias de informação	
31 Mar.	M. Masson: a dialética em Geografia	
11/12 Mai.	B. Hourcade: localismo e excepcionalismo científico (caso iraniano) K. Emsellem: o futuro da Geografia	
2007		
26/27 Jan.	L. Chapelon: políticas de transporte e acessibilidade (em Turim, Itália)	
30/31 Mar.	C. De Matteis, F. Ferlaine, P. Giacarra, M. Bagliani: relato de suas pesquisas	
14/15 Dez.	H. Chamussy e F. Balanche: o Líbano e a Síria seriam casos de otimização territorial?	
2008		<i>Ano de Géopoint (Optimisation de l'Espace Géographique et Satisfactions Sociétales)</i>
25/26 Jan.	C. Grataloup: problemas e aspectos da mundialização	
07/08 Mar.	O. Kreiss (engenheiro): protocolo de Kyoto e biocombustíveis C. Tannier: cidades sustentáveis	
	A. Douguedroit: mudanças climáticas e novas instabilidades territoriais F. Durand-Dastès: dados que contra dizem o catastrofismo climático C. Selimovskii: a otimização do bem-estar social	
17/18 Out.	J.-P. Chéry: aplicação dos autômatos celulares ao estudo da expansão urbana	
12/13 Dez.	A. Mangiavillano: incêndio florestal como fenômeno multi-escalar	
2009		
06/07 Fev.	C. Rozenblat: cidades, redes e pequenos mundos M. Bidon: uma geografia da homossexualidade (em Lausanne, Suíça)	
05/06 Jun.	O. Crevoiser: moeda, finanças e espaço J.-B. Racine: projeto urbano e processos participativos (experiência suíça)	
23/24 Out.	F. Durand-Dastès: sistemas e ordens de grandeza	
11/12 Dez.	M. Forrez e Ph. Martin: escala em Geografia (abordagem relativista)	

Figura 8 – Reuniões do Grupo (continuação)

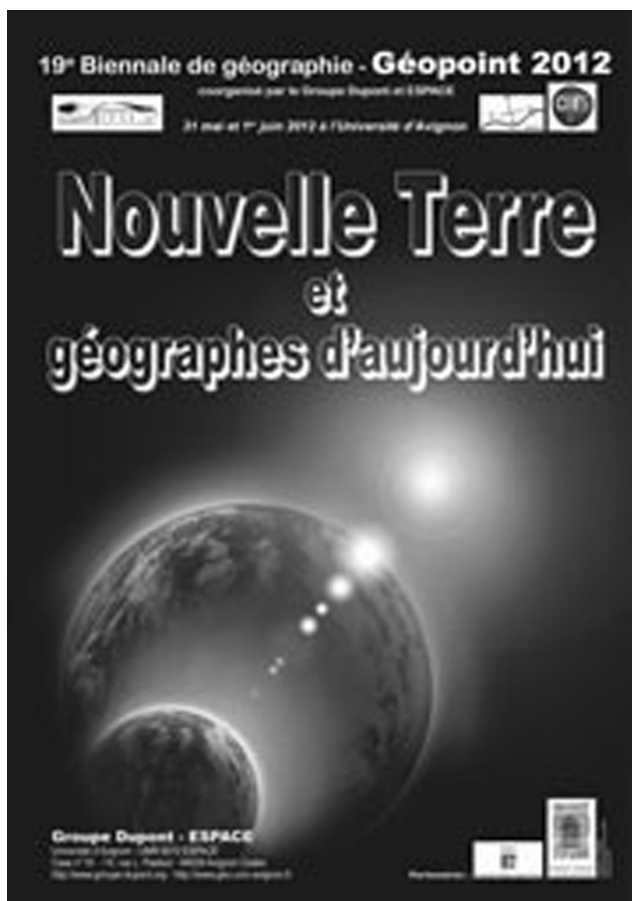


Figura 9 – Pôster *Géopoint 2012* (19ª edição: *Nova Terra e Geógrafos de Hoje*)

[Disponível em: <<http://www.groupe-dupont.org/ColloqueGeopoint/geopoint12.htm>>]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São fortes os indícios de que a geografia mais “pragmática”, praticada hoje em dia na França, deve muito de seu mote pós-vidaliano aos feitos do *Groupe Dupont*. Mais do que instituição responsável por um célebre encontro bianual, o GD, pela atuação individual de seus fiéis componentes (via produção bibliográfica e experiências executivas), espargiu os esporos de uma *Nouvelle Géographie*. Daí ser possível identificar, no território, novos pólos de exercício e perduração da empresa teórica, tais como Strasbourg, Besançon e Nantes – centros estes bastante mobilizados pelas preocupações com o *aménagement*.

E poderíamos até afirmar que foi alcançada aquela que parecera ser a meta mais inglória dentre as intenções subversivas dos “meninos da ponte”. Hoje, em Paris e zonas de influência imediatas (Rouen, p.ex.) encontram-se grupos de pesquisadores com consistente

produção ligada à modelagem abstrata e modernos tratamentos gráficos. Coisa inimaginável se regressássemos meio-século. Não há dúvida, portanto: o sudeste acabou contaminando o norte ... e não menos os outros quadrantes do grande hexágono francês.

Conjunto antimonolítico

Chama a atenção o fato de, desde o início, os agremiados demonstrarem convicções pessoais não necessariamente idênticas. Muito ao contrário, teria havido antes uma harmonia apenas suficiente para aproximá-los numa intenção comum: a de sofisticar a linguagem do geógrafo. (Desafio fenomenal, se o pouco cuidado com ela, em ciências humanas, sempre fora uma marca francesa.). No mais, as visões de mundo eram/são heterogêneas ... e talvez isso bem ilustre a peculiaridade das ciências sociais, cujas práticas interpretativas são difíceis de estar descoladas de um pendor ideológico – tema que, inclusive, muito excitou a primeira geração.

Podemos assim dizer que uma especial característica do Grupo sempre foi a soma de coesão com tensão; soma graças à qual, a despeito da convergência em prol de um compromisso com teoria, confrontos ideológicos tornaram-se ingrediente inseparável. E a referida tensão tem muito a ver com uma dinâmica que os, hoje, “*grand-pères*” Duponts preservaram com naturalidade: a de atizar o criticismo a partir de obstinadas convicções. Daí então terem permanecido acesos os debates, tanto nas reuniões de membros, quanto nos colóquios abertos. Isso porque o clima da tensão tende a se espalhar pelos encontros ... vindo a inocular todo participante; não somente os Duponts (que se sabem, ali, animadores). Por esse motivo é que, no vôo panorâmico sobre os anais *Géopoint*, demos eventual relevo a comunicações de autores não-membros. Para que, então, ficasse também ilustrado o discurso do “outro” ... que, por fim, sob atmosfera teorética, vinha fatalmente a comungar do mesmo espírito ou causa (*la rigueur linguistique*).

Voltando à referida harmonia, ou coesão, essa convergência (apesar de tudo) existente entre os integrantes do GD traduz-se em quatro ideários gerais: 1º) exigência de que se proceda de modo rigoroso (portanto científico) no estudo da organização do espaço; 2º) consenso sobre o estatuto social da ciência geográfica (o que de maneira nenhuma extirpa a investigação do quadro físico – tornada, nas últimas décadas, até um clamor); 3º) certeza de que se abandonou o paradigma clássico da causalidade para, uma vez absorvendo o pensamento sistemista e adotando a prática da modelagem, reconhecer um novo império, o da complexidade (mesmas causas não produzirão sempre mesmos efeitos!); e 4º) compromisso intransigente com a reflexão epistemológica, posto que, praticando-a, fatalmente retira-se a Geografia de um nocivo isolamento. Estas são as quatro vigas-mestras do GD.

Conquanto o contexto e os interesses precípuos tenham motivado a primazia de certas matérias e assuntos, o alcance da mirada dos agremiados logo se ampliaria. A “resistência das lógicas nacionais aos fenômenos supra-nacionais” – só para citar um tema de geopolítica frequentado por alguns. Mas é que uma peculiaridade do GD permaneceria estável (fazendo-se quinta viga): precipitar debate sobre questões aflitivas ou cruciantes. Daí os temários irem se mostrando, gradativamente, tão vastos em termos de fenômenos e perspectivas – detalhe bastante nítido nos encontros *Géopoint* mais recentes. Porque tais questões não são, é claro, endógenas ao Grupo. Este apenas as apreende ... porém, enquadrando-as. Em ciência geográfica, elas têm de figurar sob um viés formalizado²⁴!

²⁴ Isto, em outras palavras, significa que há sempre entre os Duponts uma preocupação conceitual e metodológica “por trás” de qualquer possível caso empírico sob análise. Seja uma questão latente, um problema emergente ... seu tratamento jamais será monográfico; será sempre um pretexto para a análise formal. Ilustra a longevidade deste proceder o fato, p.ex., de André Dauphiné ter ensaiado uma modelização para os casos de violência no Líbano, logo em seguida à exposição que Henri Chamussy fizera sobre este país (Reunião do dia 28 de Janeiro de 2012).

Desde o ano de 1971, os “meninos da ponte” tinham percebido a espécie de poder que mais estava a seu alcance. O de transmitir, pela via pedagógica, os novos brevíários de idéias e de técnicas. Logo, no seio dos anais, mesclados como ficam os apontamentos de confrades e de gentios, emerge o efeito que vem assegurando a perpetuação do Grupo: respaldo da comunidade científica aos temas todos (teóricos, metodológicos) que ele, há quarenta anos, entende precisar assumir.

O risco de perecimento

Algo de curioso, que acaba se convertendo, a nosso juízo, noutra peculiaridade do GD é o fato dele, embora pudesse, jamais ter assumido a condição de uma oficial instituição (um “GIP”, por exemplo). Isso tem a ver, decerto, com um comentário que por mais de uma vez ouvimos em nossa estada: “não somos produtivistas”. Debitado o exagero contido na expressão (pois é patente a produtividade dos *Duponts*, incluindo os seniores, já aposentados), a questão é que, realmente, uma vez instituída a condição oficial, impõem-se exigências protocolares – algo contra o quê a exemplar e genuína “insubordinação” do GD sempre quis se colocar.

Detalhe muito relevante, por isso merecendo constar em um item especial nestas finais considerações, é um dado que pudemos coletar em (também) mais de uma ocasião. Os mais jovens – relato este colhido tanto deles próprios, quanto da geração de pioneiros, à qual seu desabafo se dirigia – têm a nítida impressão de que o GD é um grupo essencialmente elitista, fechado às novas posturas e originalidades, e aos pesquisadores iniciantes. Esta é uma meia-verdade. Não é inteira simplesmente porque há, de uma parte, evidentes tomadas de conhecimento de modelos e teorias neo-sistêmicas e, de outra parte, evidentes nomes ainda se encarregando de um policiamento via críticas exegéticas (características que, por exemplo, poderíamos atribuir, respectivamente, a um Philippe Martin devoto da geometria multifractal e a um Jean-Paul Ferrier desejoso de uma geografia que tenha o que dizer ao bem-estar social). Por outro lado, o relato guarda um relativo fundo de verdade. Porque, além de ser, de fato, difícil a entrada de novos membros no Grupo (o ritual pressupõe, por exemplo, que haja votação unânime para o aceite), alguns dos mais antigos mantêm, realmente, uma desconfiança para com as novas gerações – postura facilmente confundida com hostilidade. Neste sentido, não estranha que os rigorismos lógicos de um Henri Chamussy, ou a extremada confiança de um André Dauphiné nos modelos naturalistas, soem como uma ranzinze que, por aparentar ser fundamentalista, reprimiria as propostas (mais flexíveis?) dos novatos.

A saber se, continuando tradicionalmente pequeno o Grupo, ele corre mesmo o risco de se extinguir. Por enquanto, quatro décadas provam o contrário.

BIBLIOGRAFIA²⁵

ARAUJO NETO, M. D. de; REIS JÚNIOR, D. F. da C. A disturbing diagnosis for geographic science: the Brazilian case examined. In: EUROPEAN COLLOQUIUM ON QUANTITATIVE AND THEORETICAL GEOGRAPHY, 17., 2011, Athens. **Annals ...** Athens: Harokopio University, 2011. p. 1-9.

AURIAC, F. Le construit spatial en géographie: propos rétrospectifs et prospectifs. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 255-256. 2008.

²⁵ Optamos pelo termo “bibliografia”, ao invés de “referências bibliográficas”, nesta segunda e última parte do artigo, porque quisemos enumerar aqui os principais documentos textuais que ilustram a literatura francesa possível de vincular à empresa teórica em Geografia. Isto, muito mais do que apenas os documentos eventualmente consultados e aqui citados.

AURIAC, F.; DURAND-DASTÈS, F. Réflexions sur quelques développements récents de l'analyse de systèmes dans la géographie française. **Brouillons Dupont**, n. 7, p. 71-80, 1981.

BAILLY, A. Géographie et action: image, conceptualisation et pratique. **Brouillons Dupont**, n. 9, p. 7-25, 1982.

_____. Géographe connais-toi toi-même. **Brouillons Dupont**, n. 12, p. 15-26, 1984a.

BAILLY, A.; FERRAS, R. **Éléments d'épistémologie de la géographie**. 2. ed. Paris: A. Colin, 2001. 191p.

BAILLY, A.; RACINE, J.-B. Les géographes ont-ils jamais trouvé le nord?: questions à la géographie **L'Espace Géographique**, Paris, v. 7, n. 1, p. 5-14, 1978.

BAVOUX, J.-J. Il faut savoir terminer une explication géographique. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2000, 13. **Anais ...** p. 202-207. 2002.

BESSE, J.-M. Problèmes épistémologiques de l'explication. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2000, 13. **Anais ...** p. 11-18. 2002.

BRUNET, R. **Les phénomènes de discontinuité en géographie**. 1965. 304f. Thèse d'État – Université de Toulouse.

_____. Pour une théorie de la géographie régionale. **Travaux de l'Institut de Géographie de Reims**, n. 11, p. 3-14, 1972.

_____. La composition des modèles dans l'analyse spatiale. **L'Espace Géographique**, Paris, v. 9, n. 4, p. 253-264, 1980.

CAUVIN, C. Géographie mathématique et statistique, une rencontre d'un nouveau genre. **La Revue pour l'Histoire du CNRS**, n. 18, 3 oct. 2009. Disponível em: <<http://histoire-cnrs.revues.org/4131>>. Acesso em: 4 set. 2010.

CHAMUSSY, H. D'amour et d'impuissance. **Brouillons Dupont**, n. 3, p. 67-81, 1978.

_____. La théorie du système général, ses concepts, et la géographie. **Brouillons Dupont**, n. 14, p. 142-155, 1986b.

_____. Des mesures et denombrements. **Brouillons Dupont**, n. 16, p. 21-49, 1988.

_____. L'ambiguë question de nature dans la géographie française. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1996, 11. **Anais ...** p. 73-77. 1998.

_____. A four legged geography. In: EUROPEAN COLLOQUIUM ON QUANTITATIVE AND THEORETICAL GEOGRAPHY, Saint-Valéry-en-Caux, 2001, 12. **Anais ...** 2001.

_____. Le comment et le pourquoi: ou la dialectique de l'absurde et du tragique. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2000, 13. **Anais ...** p. 278-286. 2002.

_____. Facing up against complexity. In: EUROPEAN COLLOQUIUM ON QUANTITATIVE AND THEORETICAL GEOGRAPHY, Lucca, 2003, 13. **Anais ...** 2003.

_____. Le sens et la forme. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 365-368. 2008.

_____. Sciences dures, sciences molles. **Géosphères**, Beyrouth, v. 25/26/27, p. 1-17, 2010.

CHAMUSSY, H. et al. Espace, que de brouillons commet-on en ton nom! **Brouillons Dupont**, n. 1, p. 15-30, 1977.

CHAPUIS, R.; BROSSARD, Th. **Les ruraux français**. Paris: Masson, 1986. 225p.

CHARRE, J. **Statistique et territoire**. Montpellier: GIP Reclus, 1995. 119p. (coll. Espace, Modes d'Emploi).

_____. L'humain et l'inhumain; le naturel, le physique et le social: à la recherche de l'espace perdu. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1996, 11. **Anais ...** p. 91-93. 1998.

_____. Le pourquoi et le pourquoi pas. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2000, 13. **Anais ...** p. 287-290. 2002.

_____. Le paysage, médium entre matériel et idéal. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2002, 14. **Anais ...** p. 98-100. 2004.

CHÉRY, J.-P. Qu'en est-il du déterminisme naturel?: atelier deux. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1996, 11. **Anais ...** p. 233, 1998.

CHESNAIS, M. Essai sur une transformation. **Brouillons Dupont**, n. 1, p. 5-14, 1977.

_____. **SIG, gérer l'information géographique**. Caen: Paradigme, 1995. 220p.

_____. Évaluation de la croissance urbaine du Caire par télédétection. **Géocarrefour**, Lyon, v. 73, n. 3, p. 259-266, 1998.

CLAVAL, P. La réflexion théorique en géographie et les méthodes d'analyse. **L'Espace Géographique**, Paris, n. 1, p. 7-22, 1972.

_____. **La nouvelle géographie**. Paris: PUF, 1977. 127p.

DAUPHINÉ, A. L'analyse factorielle: ses contraintes mathématiques et ses limites en géographie. **L'Espace Géographique**, Paris, v. 2, n. 1, p. 74-80, 1973.

_____. Démarches et mathématiques en climatologie. **Bulletin de l'Association des Géographes Français**, Paris, v. 57, n. 468, p. 139-144, 1980a.

_____. Discours et pratique de l'écodéveloppement. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1982, 4. **Anais ...** p. 303-311, 1984.

_____. **Chaos, fractales et dynamiques en géographie**. Montpellier: GIP Reclus, 1995. 135p.

_____. Le modèle de la perturbation fractale. **Annales de Géographie**, Paris, v. 107, n. 601, p. 259-272, mai/juin 1998.

_____. Une théorie des disparités géographiques. **Revue d'Économie Régionale et Urbaine**, Bordeaux, n. 5, p. 899-914, 1999.

_____. Du déterministe au postmodernisme: provocation d'un père dupont. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2000, 13. **Anais ...** p. 297-300. 2002.

_____. **Les théories de la complexité chez les géographes**. Paris: Anthropos, 2003. 248p.

_____. De Marx à Platon: essai sur une régression de la géographie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2002, 14. **Anais ...** p. 101-105. 2004.

_____. Émergence et multifractalité des formes: un exemple d'application en géographie urbaine. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2004, 15. **Anais ...** p. 281-285. 2006.

_____. Niveaux et échelles: demain une géographie sans géographe. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 369-374. 2008.

DOUGUÉDROIT, A. Le climat comme "état du système climatique": apports à la géographie du nouveau paradigme. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 151-155. 2008.

_____. La nouvelle instabilité des territoires: le changement climatique. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2008, 17. **Anais ...** p. 257-262. 2010.

DUBUS, N. Systèmes spatiaux et nature: atelier deux. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1996, 11. **Anais ...** p. 216, 1998.

DUMOLARD, P. Incertitudes en aide à la décision territoriale. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2008, 17. **Anais ...** p. 135-138. 2010.

DURAND, M.-G. et al. **Le modèle AMORAL**: analyse systémique et modélisation régionale dans les Préalpes du Sud. Grenoble: DATAR, 1983. 144p.

- DURAND-DASTÈS, F. Quelques remarques sur les modèles et leur utilisation en géographie. **Bulletin de l'Association des Géographes Français**, Paris, n. 413/414, p. 42-50, 1974.
- _____. L'interaction espaces/sociétés, la géographie sociale et la "théorie du renversement". **Brouillons Dupont**, n. 13, p. 27-36, 1985.
- _____. À propos des "aires culturelles": les voies de l'idéal au matériel. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2002, 14. **Anais ...** p. 245-248. 2004.
- _____. À l'abandon ...: d'aujourd'hui à demain, abandon, conservation, réinterprétation. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 375-378. 2008.
- DURAND-DASTÈS, F.; FERRIER, J.-P. La forme et la vie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2004, 15. **Anais ...** p. 39-44. 2006.
- DURAND-DASTÈS, F.; SANDERS, L. **L'effet régional**: les composantes explicatives dans l'analyse spatiale. Montpellier: GIP Reclus, 1985. 48p. (coll. Modes d'Emploi).
- EMSELLEM, K. Réinventer le métier de géographe: de l'agréable à l'util. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 39-48, 2008.
- FERRIER, J. P. Les voies de l'explication en géographie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2000, 13. **Anais ...** p. 31-39. 2002.
- _____. Un espace géographique optimum, parce qu'il est juste est beau? In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2008, 17. **Anais ...** p. 231-234. 2010.
- FRANKHAUSER, P. **La fractalité des structures urbaines**. Paris: Anthropos, 1994. 291p.
- GEORGE, P. Quelques aspects du mythe du nombre. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, v. 33, p. 39-47, 1962.
- _____. La géographie quantitative, un nouveau déterminisme? **Notiziario di Geografia Economica**, Roma, n. esp., p. 33-43, 1971.
- GRATALOUP, C. Le paysage, personnage géohistorique: plaidoyer pour une géographie physique. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1996, 11. **Anais ...** p. 107-110, 1998.
- _____. Une question pour la géographie, aujourd'hui. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2002, 14. **Anais ...** p. 36-41. 2004.
- GRUPE CHADULE. **Initiation aux méthodes statistiques en géographie**. Paris: Masson, 1972. 192p.
- _____. **Iniciación a los métodos estadísticos en geografía**. Barcelona: Ariel, 1980. 284p.
- _____. **Metodi statistici nell'analisi territoriale**. Milano: Clup, 1983. 231p.
- GUIGO, M.; LE BERRE, M. **Écrire un modèle de simulation systémique**: impact des aménagements sur le comportement de la nappe phréatique d'une plaine alluviale: essai pédagogique. Grenoble: Université Joseph-Fourier, 1989. 102p.
- HASTAOGLOU-MARTINIDIS, V. L'héritage culturel, facteur d'optimisation en géographie urbaine: le cas de Thessalonique, Grèce. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2008, 17. **Anais ...** p. 25-29. 2010.
- LE BERRE, M. Paysages agraires et problèmes agricoles dans la cluse de Chambéry. **Revue de Géographie Alpine**, Grenoble, v. 55, p. 291-304, 1967.
- _____. La culture des légumes et le développement urbain autour de Grenoble. **Revue de Géographie Alpine**, Grenoble, v. 60, p. 43-75, 1972.
- _____. Aspects nouveaux de la géographie française. **Information Régionale**, Grenoble, n. 37, p. 1-8, 1981.
- _____. Principes de modélisation de la complexité spatiale. **Brouillons Dupont**, n. 14, p. 121-131, 1986b.

_____. **De l'induction à la modélisation systémique en géographie**. 1987. 560f. Thèse d'État – Université de Franche-Comté, Besançon. 2 v.

_____. Itinéraire géographique vingt ans après. Avignon: **Brouillons Dupont**, n. 17, 1989. 115p.

_____. La forme spatiale, perception, représentation. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2004, 15. **Anais ...** p. 203-206. 2006.

MARCHAND, J.-P. Les contraintes physiques et la géographie contemporaine. **L'Espace Géographique**, Paris, v. 9, n. 3, p. 231-240, 1979.

_____. Climat, sciences humaines? **Informatique et Sciences Humaines**, p. 43-58, 1981.

_____. Les contraintes naturelles et l'organisation de l'espace. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1996, 11. **Anais ...** p. 9-15. 1998.

_____. Représentation des formes et forme des représentations. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2004, 15. **Anais ...** p. 495-496. 2006.

_____. Climat et société dans la géographie française: de la prise en compte des années 1970 à l'émergence de nouveaux problèmes théoriques. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 175-179. 2008.

MARCHAND, J.-P.; CORGNE, S. La montée de l'incertitude en géographie: essai sur l'évolution d'un concept. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2008, 17. **Anais ...** p. 263-269. 2010.

MARTIN, P. Structures hiérarchiques dans le karst de la Sainte Baume (Bouches-du-Rhône, France). In: CONGRÈS DE SPÉLÉOLOGIE, 1997, 12. **Anais ...** p. 129-132. 1997.

_____. Objectivation des formes en géographie et calculs d'indicateurs fractals: exemples karstiques. In: MABY, J. (Dir.). **Objets et indicateurs géographiques**. Avignon: Université d'Avignon, 2003. p. 153-268.

_____. Fractale parabolique et fractale "scale dependent": un problème de courbure?: échelle et finitude. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2004, 15. **Anais ...** p. 341-351. 2006a.

_____. La dimension fractale d'un relief varie-t-elle avec l'altitude?: l'exemple de l'Aigoual (France). In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2004, 15. **Anais ...** p. 327-332. 2006b.

_____. La forme peut-elle libérer la prisonnière du carrefour?: vers une théorie de la forme en géographie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2004, 15. **Anais ...** p. 19-38. 2006c.

_____. Ne faudrait-il pas re-naturaliser la géographie? In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 405-415. 2008a.

_____. Les limites du temps et la géographie de demain. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 181-189. 2008b.

MARTIN, P.; FORRIEZ, M. De l'utilité de la théorie de la relativité d'échelles de L. Nottale en géographie: partie 1: recherche d'un modèle scalaire spatio-temporel. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 305-312. 2008.

MÉO, G. di. L'idéal et le matériel: des sciences sociales à la géographie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2002, 14. **Anais ...** p. 11-26. 2004.

PINCHEMEL, P. Sur la situation actuelle de la géographie. **Historiens et Géographes**, n. 257, p. 524-530, 1976.

_____. Des formes en géographie aux formes géographiques. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2004, 15. **Anais ...** p. 15-18. 2006.

PUMAIN, D. À propos de dynamique spatiale. **Brouillons Dupont**, n. 14, p. 103-120, 1986.

_____. Vers un rétablissement formel en géographie. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 17-21, 2008.

- PUMAIN, D.; ROBIC, M.-C. Le rôle des mathématiques dans une "revolution" théorique et quantitative: la géographie française depuis les années 1970. **Revue d'Histoire des Sciences Humaines**, n. 6, p. 123-144, 2002.
- PUMAIN, D.; SAINT-JULIEN, T. **L'analyse spatiale**. Paris: Armand Colin, 1997. 167p. v. 1: localisations dans l'espace. (coll. *Cursus*).
- PUMAIN, D.; SAINT-JULIEN, T.; SANDERS, L. Vers une modélisation de la dynamique intra-urbaine. **L'Espace Géographique**, Paris, v. 13, n. 2, p. 125-135, 1984.
- PUMAIN, D.; SANDERS, L.; SAINT-JULIEN, T. **Villes et auto-organisation**. Paris: Economica, 1989. 191p.
- RACINE, J.-B.; REYMOND, H. **L'analyse quantitative en géographie**. Paris: PUF, 1973. 316p.
- REYNAUD, A. L'utilisation des mathématiques modernes en géographie. **L'Espace Géographique**, Paris, n. 1, p. 23-24, 1972.
- _____. Modèle et idéal-type en géographie. **Information Géographique**, n. 5, p. 205-208, 1984.
- RIMBERT, S. Aperçu sur la géographie théorique: une philosophie, des méthodes, des techniques. **L'Espace Géographique**, Paris, n. 2, p. 101-106, 1972.
- SANDERS, L. La place de l'explication dans l'analyse spatiale. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2000, 13. **Anais ...** p. 19-30. 2002.
- SÉLIMANOVSKI, C. Cohésion sociale et optimisation de l'espace géographique: les effets paradoxaux des politiques françaises de lutte contre la précarité. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2008, 17. **Anais ...** p. 17-24. 2010.
- STASZAK, J.-F. Matériel/idéal: un enjeu pour la géographie? In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2002, 14. **Anais ...** p. 27-35. 2004.
- STOCK, M. Penser géographiquement. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2006, 16. **Anais ...** p. 23-37, 2008.
- THOMAS, I. Optimisation de l'espace géographique? In: COLLOQUE GÉOPOINT, 2008, 17. **Anais ...** p. 13-16. 2010.
- TRICOT, C. Essai d'un modèle probabiliste de distribution spatiale. **Brouillons Dupont**, n. 15, p. 101-109, 1987.
- UVIETTA, P. Pour une approche systémique et la simulation des phénomènes sociaux. **Brouillons Dupont**, n. 1, p. 31-42, 1977.
- _____. Pourquoi et comment prendre en compte l'espace dans l'étude de l'évolution des systèmes. In: COLLOQUE GÉOPOINT, 1984, 5. **Anais ...** p. 175-178. 1986.
- VIGOUROUX, M. Dans le renouvellement de la géographie française: le Groupe Dupont. **Brouillons Dupont**, n. 2, p. 5-16, 1978.
- WIEBER, J.-C. Quelques aspects de la pratique française en géographie quantitative. **Brouillons Dupont**, n. 4, p. 97-107, 1979.

Recebido em março de 2012

Aceito em junho de 2012